

ANO II
C\$ 1,00
NÚMERO 45
SEXTA-FEIRA
23-7-48

MOMENTO feminino

1º ANIVERSÁRIO



Momento Feminino e a luta pela paz

ALICE TIBIRIÇA



Um jornal de mulheres, feito pelas mulheres e destinado às mulheres não encontra, ainda, caminho aberto em nossa terra. Assim, não é de estranhar-se que MOMENTO FEMININO, ao completar agora o seu primeiro ano de vida, tenha encontrado horas de intensa luta e dias de inquietação.

A razão dos fortes é o seu destemor face às tempestades. É o seu espírito otimista e a sua certeza de vitória mesmo nos dias mais sombrios. Por isso MOMENTO FEMININO, sobrepondo-se às dificuldades, venceu a primeira etapa. A sua diretoria está, pois, de parabéns.

Um dos pontos principais desse jornal feminino tem sido o de pugnar pela paz universal. Em torno dessa bandeira deveriam as mulheres de todo o Brasil cerrar fileiras. Só num ambiente de paz e de fraternidade poderá a humanidade estruturar um mundo melhor, onde o indivíduo não seja apenas um número a figurar nos batalhões da morte, do vandalismo e da destruição.

Quem mais poderia desejar a guerra, depois da carnificina do conflito de 1914? No entanto, ela veio mais feroz, destruindo cidades, criando campos de concentração, câmaras de gás, delação, serviço compulsório para os prisioneiros de guerra. Mais ainda: convocação dos civis para os rudes trabalhos da guerra, impostos pelos governadores títeres a seus compatriotas, em benefício das nações do eixo que sonhavam transformar povos independentes e das mais antigas civilizações em meros escravos.

A luta armada, no presente, não mais se restringe aos campos de batalha. Destroem cidades. Exterminam os civis. Não respeitam crianças. Escravizam mulheres. Transformam prisioneiros em cobaias para experiências de cientistas sem moral ou em pacientes visando provas de resistência física para o máximo de frio e de exaustão em relação às horas de trabalho sem repouso. É que, cada guerra requinta na arte de destruição, servindo-se do que a ciência tem de melhor, da energia das quedas d'água, do carvão, do petróleo e de força atômica. Tudo isso deveria

ser aplicado tão só para a felicidade dos povos. No entanto, continua a humanidade ou caminho encontrando utopias ao invés de roseiras. Em todos os tempos, os homens da ciência tem servido de escada à ambição dos aventureiros, dos ousados, cuja lei é a do ganho, do comando e da violência.

Corno vencer essa onda de egoísmo, sempre a crescer à medida que novos métodos vem enriquecer mais ainda alguns pequenos grupos em detrimento de muitos? O ponto de saturação de tantos erros acumulados é sempre o mesmo: guerra. Sentiram isso aqueles que, compreendendo o direito dos outros, procuraram e procuram manter a paz. Surgiu, após a guerra de 1914, a Liga das Nações, concretizando o sonho de Wilson. Essa iniciativa representava o primeiro passo para o ideal de confraternização universal. Essa Liga não foi devidamente apreciada na terra de Wilson. Contudo cresceu e por algum tempo representou a esperança de uma nova era para os que desejavam um narcótico à sua inquietação em relação aos perigos de uma nova conflagração. Infelizmente, a Liga das Nações não possuía a base necessária para derroter conflitos. Transformou-se em bolha de sabão quando os soldados de Mussolini foram conquistar as terras da Abissínia. Os gritos de Hitler encontraram eco. Veio por fim o pacto de Munich, entregando de pulsos amarrados a Tchecoslováquia aos soldados nazis.

A essa altura, as hostes de Hitler, recém-equipadas an visibilidade dos próprios países que anos antes haviam sofrido a agressão dos exércitos do Kaiser, assaltaram a Holanda, penetraram na Bélgica e foram colocar a sua bandeira no coração da própria França — na invencível Paris! A luta foi dura. Os bombardeios aéreos atingiram Londres. Cidades foram destruídas. Foi quando os alemães, que já haviam dominado os países do Danúbio, procuravam vencer a Rússia. Ali, como já sucedera com os exércitos de Napoleão, sofreram os invasores a sua primeira derrota. Era uma luta de vida ou morte. Mais que isso: sobrevivência de

uma forma política já estruturada e, com raízes profundas em cada país. A nação Soviética expulsou os invasores de seu solo. A Alemanha não mais pôde conduzir o facho da guerra. Passou à defensiva. Houve um plano geral contra os exércitos do Eixo. O Brasil enviou sua mocidade ao setor que lhe coube na Itália. Quando os nossos soldados voltaram, trouxeram medalhas e outras condecorações. Como atestado de valentia frente ao perigo, muitas cruzes ficaram plantadas no Cemitério de Pistóia. Nossos pracinhas colocaram bem alto a bandeira do Brasil. O General Mascarenhas de Moraes sabe disso: ele também entrou a farda que vestia.

Na França, além dos homens mortos em combate, a juventude foi compulsoriamente levada para os centros industriais, onde mulheres e homens fabricavam instrumentos de morte para os seus próprios compatriotas. Assim na Polónia, Tchecoslováquia, Grécia e demais países invadidos. Em todos esses países insurgiram-se as mulheres. Formaram parte nos grupos dos guerrilheiros. Lutaram contra os inimigos sem temor ao perigo. Fimda a guerra, sentiram que devia unir na defesa da paz universal. Formaram legiões com o mesmo pensamento. E foi desse impulso que surgiu a Federação Democrática Internacional de Mulheres, falando em nome de 81 milhões de mulheres, com este compromisso:

"Fazemos o solene juramento de defender os direitos econômicos, políticos e sociais das mulheres; de lutar para que se criem as condições indispensáveis ao desenvolvimento harmonioso e feliz de nossos filhos e das gerações futuras; de lutar infatigavelmente para que seja para todo e sempre e em todas as suas formas aniquilado o fascismo e para que se estabeleça no mundo inteiro uma verdadeira democracia; de lutar sem tréguas para assegurar ao mundo uma paz duradoura, garantia única da felicidade de nossos Ires e do florescimento de nossos filhos".

As mulheres, jamais responsáveis pelas causas que engendram guerras, que não tomaram parte no manejo das questões políticas e sobretudo econômicas que originaram as duas últimas conflagrações, saindo algumas das trincheiras, outras dos campos de concentração, fizeram, como se viu, o juramento de defender o primado da paz, mesmo a custo de sua própria vida. Defendem elas também as crianças. Pugnam pelos direitos das mulheres. Combatem o imperialismo. Querem um mundo onde haja pão para todas as bocas. Teto garantido para os que dele necessitem. Onde o trabalho seja devidamente apreciado de forma a haver para o povo, melhor nível de vida.

Esperamos que na América do Sul — e este meu apelo se dirige hoje, especialmente às brasileiras — as mulheres, da mesma forma, se unam na defesa desse programa. Assim realmente contribuirão na construção de um mundo de justiça e paz para a humanidade.

NOSSOS PROBLEMAS

HOJE estamos comemorando aquele dia de trabalho e de alegria de 1947, em que, às 3 horas da manhã um grupo de mulheres saiu das oficinas tipográficas com MOMENTO FEMININO pronto, ainda com o cheiro de tinta das rotativas.

Era o início de uma nova luta feminina, que sabíamos espinhosa, mas necessária.

Naquele dia, já reconhecíamos que os problemas do povo brasileiro acultavam e os obstáculos cresciam, perturbando a sua solução. Com isso nossa responsabilidade também crescia e urge um órgão que se propusesse a trabalhar em favor da causa feminina. Órgão capaz de traduzir os anseios, as dificuldades, os sofrimentos de todas as nossas irmãs nacionais e do mundo inteiro.

Hoje, depois de um ano de trabalho tenaz, através do qual conseguimos rejeitar a vontade poderosa de construir uma vida diferente e mais justa para todos nós, aqueles problemas tão sérios não sofreram modificação. Agravaram-se, sem dúvida, embora não nos tivéssemos mantido indiferentes a tudo para combatê-los.

No curso de nossos propósitos, de certo não conseguimos cumprir totalmente com o que a vida das mulheres necessita. Ainda não atingimos todos os lares e setores de trabalho do país como é nossa intenção. Entretanto, o esforço que temos despendido nesse sentido, continua a ser uma arma que sempre manuseamos, para chegar a esse objetivo. Todas as conquistas de MOMENTO FEMININO são oriundas de nossa grande vontade, de nossa energia, de nossa vigilância e compreensão ao necessário, para sobrevivermos aos ataques, ao desprezo, às incompreensões da luta das mulheres pela sua própria vida e pela felicidade futura de seus filhos.

Num país como o nosso, em que todos os ângulos da vida do nosso povo estão a exigir providências sérias e urgentes, um jornal de mulheres é e será sempre uma arma de combate, de defesa de injustiças e de direitos violados.

Esse tem sido o papel de MOMENTO FEMININO, além de seus ensinamentos e distrações difundidos em suas colunas, procurando levar às mulheres o que houve de edificante na arte e na literatura mundial ou o que há de útil à vida quotidiana entre os afazeres domésticos.

Nossas páginas, sofrendo embora o escassez de recursos técnicos, para melhor apresentação de nosso semanário, jamais silenciaram os acontecimentos pulpantes e de real interesse às mulheres. Retrataram um ano de iniciativas e empreendimentos femininos, a luta das nordestinas que, angustiadas, procuram se liberar de tanta miséria, de tanta fome, de tanto doente; a luta

AGRADECEMOS

as seguintes contribuições recebidas:

Uma senhora amiga — Cr\$ 100,00
Um cirurgião dentista — Cr\$ 100,00
Um amigo da Penha — Cr\$ 10,00

E' do estímulo e da solidariedade de vocês, amigas e amigos que vivemos.

das mulheres em pleno coração do país, na capital da República brasileira, procurando superar as arbitrariedades, a vida cara, as demolições de seus miseráveis barracos, a falta de água, de transporte, de escolas, de tudo; a luta das mulheres do Triângulo Mineiro, ao lado dos trabalhadores, defendendo um salário melhor para melhor garantia do pão em seus lares; a luta das mulheres do Brasil, enfim.

MOMENTO FEMININO é realmente um novo instrumento no terreno das nossas conquistas. É a janela aberta de nossa vida de mulher mãe, de mulher trabalhadora, e construtora dos mais belos horizontes.

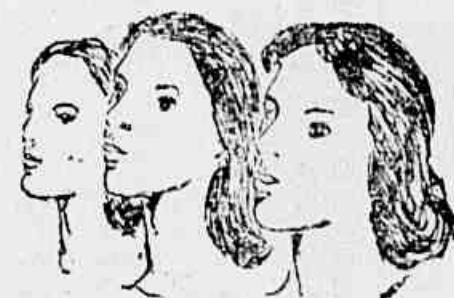
Depois deste ano de experiências, colhidas arduamente no próprio trabalho diário de administração, de redação, de oficina, sabemos que é urgente realizar um programa mais amplo, capaz de atingir aquilo que não nos foi possível alcançar até hoje.

Sabemos que não é tudo dizer-se que o país tem 100.000 pulmões humanos destruídos, 7.000.000 de camponeses como peso morto para a Nação por falta absoluta de recursos, 75% de mal-fabrilos, que nos faltam maternidades, hospitais infantis, escolas para comportar a nossa população infantil e diversões para as crianças. O que sempre a MOMENTO FEMININO é ensinar o povo e muito especialmente as mulheres, a sair desse estado de decadência, libertando nossa pátria da falta de conforto, que tantos sofrimentos nos tem provocado.

Realmente, este é um assunto básico para nossos trabalhos futuros.

É de compreender-se, portanto, o quanto este jornal necessita da colaboração e até mesmo da ajuda material de todos, a fim de que possa ser mais útil, a fim de exigirmos dele muito mais.

Cumpre-nos permanecer juntas, trabalhar sempre com a mesma energia, com a mesma vigilância, com a mesma dedicação, para que MOMENTO FEMININO seja o retrato do heroísmo, da vontade e da altivez da mulher brasileira.



SOCIAIS

A senhorita América Bomfim, moradora à rua Marquesa de Santos, n. 29 — Laranjeiras — estudante da Escola de Comércio, completou 17 anos, no dia 30 de junho p.pdo. América Bomfim, é uma assídua leitora e propagandista de "MOMENTO FEMININO".

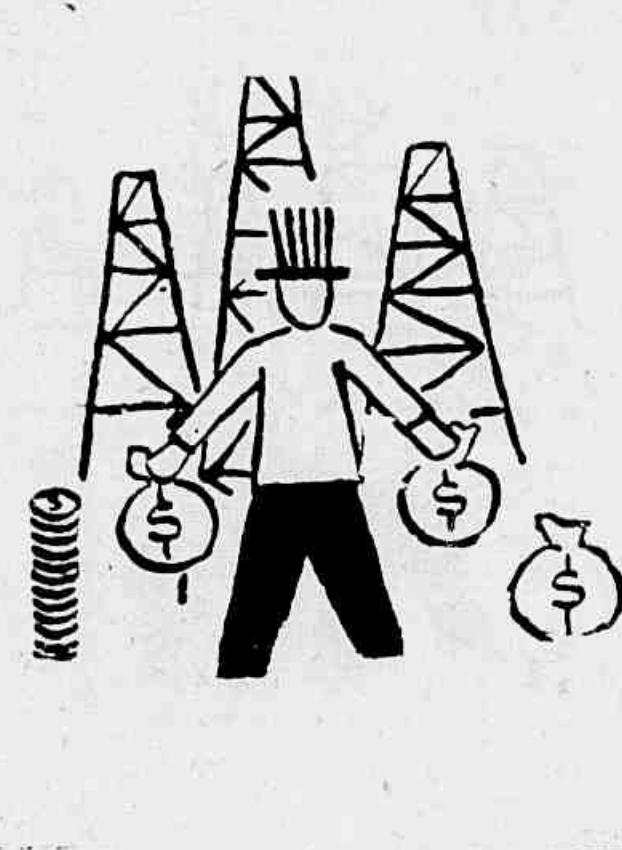
Nair Alves de Oliveira, nossa amiga, moradora no bairro de Laranjeiras, faz anos dia 24 do corrente. Nair vai festejar seu aniversário e nossos votos são para que ele seja feliz.



Até a descoberta do petróleo, os seus depósitos que apareciam por exsudação natural, eram desprezados, ou então usados apenas como produtos medicinais. Mesmo assim, durante muitos anos, o petróleo foi usado para a fabricação da gasolina de iluminação e outros subprodutos sem importância.



Não tardou porém, que a ciência descobrisse no petróleo a qualidade que o iria transformar no Rei do Mundo. Ele era o combustível mais barato e de maior grau de energia. Desde então, a expansão da indústria petrolífera tomou proporções maiores do que quaisquer outras.



Começaram a nascer os gigantescos monopólios internacionais do petróleo, à frente dos quais surgiu a figura sinistra e cruel de John Rockefeller. Os imensos lucros que o petróleo proporcionou à Standard Oil, nome do monopólio formado por Rockefeller — despertaram o apetite de outras nações, ansiosas pelo domínio das reservas desse combustível, cada vez mais indispensável à medida que se desenvolvia o progresso mecânico no mundo.

Palavras amigas



ELSIE LESSA

Lembro uma frase de Tagore: — "Cada criança que nasce traz consigo a mensagem de que Deus ainda não perdeu a esperança no homem." Cada vez que leio MOMENTO FEMININO, tenho a impressão de que sempre há esperança e que vale a pena continuar porque existe gente de fibra capaz de construir alguma coisa, realizando e superando.

ANIBAL MACHADO

Dois anos de existência de um jornal como o MOMENTO FEMININO não representam apenas a vitória da inteligência e da vontade de um grupo de brasileiras que o redigiu; indicam também que um público numeroso e crescente não dispensa mais o órgão que exprime tão bem as suas aspirações.

SAUDAÇÃO DE HERBERT MOSES

Saúdo MOMENTO FEMININO na data do seu primeiro aniversário, desejando que continue nessa brilhante rota em favor do desenvolvimento cultural da grande população feminina brasileira.

Herbert Moses
Presidente da A.B.I.

Carlos Drummond de Andrade

O jornal e a revista para mulheres têm no Brasil uma tarefa importante a realizar. Devem ajudar a mulher a tomar consciência de seus problemas. Entre nós, a mulher começa apenas a entrar na posse de alguns direitos até então privilégios do homem. O mundo do trabalho fora do lar vem-lhe sendo aberto só de alguns anos para cá. Certas profissões e instituições ainda não a admitem. Sentimos um grande pasmo diante da competição feminina, e aguardamos que o mundo está perdido — quando o mundo está apenas começando a organizar-se...

Numa situação dessas, bom é que as mulheres tenham suas publicações, seus meios próprios de informação, análise e esclarecimento. A massa de publicações, manipuladas sob critério masculino, de bem pouco lhes servirá para a solução de uns tantos problemas e dificuldades peculiares à sua condição atual. Os jornais femininos lhe darão estímulo e farão ouvir sua voz, ainda tímida ou indecisa. Não se trata de fazer uma imprensa de mulheres, à margem de ou contra a imprensa dos homens. Trata-se de fazer mais conhecido, mais admissível um ponto de vista feminino, nas questões gerais e nas particulares; de interessar mais a mulher na complexidade dessas questões; de trabalhar, enfim, por uma sociedade melhor, mais ajustada, em que a mulher e o homem se compreendam e se solidificem efetivamente.

Na medida em que tem procurado servir a essas idéias, MOMENTO FEMININO mostrou-se uma boa publicação, e merece viver muito.

A MULHER VENCEU...

Lygia Maria Lessa Bastos

Tratada como serva ou simples "coisa", durante a antiguidade; endossada poeticamente nas práticas escravizadas, no interior dos castelos, na idade média; só nos tempos modernos obteve a mulher, no contrato social, o gozo da comunhão de bens com o homem, ficando este, porém, com a gestão dos mesmos...

Foi na idade contemporânea que a mulher conquistou o pleno gozo de todos os direitos, inclusive os políticos e isso lhe custou até serviços de guerra.

Já vai longe a fase do chamado "feminismo", que hoje achamos supinamente ridículo, com suas manifestações esbafatadas mas



inócuas. Violentamente nada conseguiria a mulher na reivindicação de seus direitos. A campanha teria de ser desenvolvida, como foi, posteriormente, no sentido do envolvimento completo de todos os rebanhos nos quais o homem procurava defender seus monopólios civis e políticos.

Invasão às academias, os escritórios, as oficinas, as associações, a mulher começou demonstrando sua capacidade de ação e de produção, impondo-se ao acatamento, recomendando, assim, o seu aproveitamento nos momentos de crise de trabalho masculino.

A primeira grande guerra ofereceu ensejo para que a mulher demonstrasse que, dadas as condições universais da vida, o homem não pôde mais prescindir da colaboração feminina. A segunda grande guerra confirmou a tese e ninguém ousará mais contestar não haver razão para, perante o direito, deixar de considerar os homens e as mulheres no mesmo pé de igualdade.

Entretanto, como a luta pela vida é dura e a competição na conquista das posições é cada vez maior, todo aconselha as mulheres não se desentendam na defesa dos direitos conquistados. Estejamos sempre alertas.

Este o motivo pelo qual não me neguei a colaborar no MOMENTO FEMININO, que agora completa seu primeiro aniversário e aqui estou para desejar prosperidade e longa vida a esse vibrante órgão de defesa dos interesses femininos.

YVONE MIRANDA



Hoje, hoje a MOMENTO FEMININO os meus votos de congratulações pela passagem de seu primeiro aniversário, não faço movida apenas por um dever de cortesia com a direção deste semanário, mas pelo sincero entusiasmo que tem despertado em mim, como em todos os seus leitores, a orientação por ele adotada. Este pequeno jornal merece ser destacado entre as publicações femininas, dada a sua contribuição eficaz no desenvolvimento do movimento feminino em nossa terra.

Do lado dos problemas do lar e da infância, essencialmente de competência da mulher, tem ele com inteligência e sensatez apontado e combatido os de ordem social diretamente a estes ligados. Tem assim demonstrado à mulher brasileira que o amor ao lar e à sua família não a impede, pelo contrário, deve impeli-la a atuar também fora dele, pois que seus problemas, na sua maioria, só na praça pública, no debate das questões políticas e econômicas, poderão encontrar solução.

Tão oportuna e necessária orientação tem sido um dos principais fatores de seu sucesso numa época dura como a que atravessamos, em que tantos periódicos, muito melhor amparados financeiramente do que este, fracassam e desaparecem antes de completar o seu primeiro trimestre de publicação.

Durante este ano de luta mas também de vitória demonstrou-nos a direção de MOMENTO FEMININO com a coragem e a persistência na execução de seu objetivo que não necessita de palavras de estímulo, pelo que lhe envio as únicas apropriadas ao seu jornal, que são as de justa homenagem a um empreendimento que vem marcando uma nova etapa na luta pelo esclarecimento da posição da mulher no mundo atual.

DA FRANÇA

"O Secretariado da Federação Democrática Internacional de Mulheres, sauda calorosamente primeiro aniversário MOMENTO FEMININO, instrumento magnífica união mulheres brasileiras em defesa da Democracia e da Paz. — Marie Claude Vaillant Couturier."

BUENOS AIRES

"Quero com esta carta, fazer chegar a relação e administração de 'MOVIMENTO FEMININO', e em primeiro lugar a você, sua diretora, minhas calorosas felicitações no 1.º ano de vida e os mais ardentes desejos que continuem sem interrupção o trabalho de ajudar, com o jornal, a todas as mulheres brasileiras na conquista de seus direitos para vida melhor para seu lar e seus filhos, bem como assegurar o progresso, a independência e a felicidade que merecemos. Uma saudação muito cordial de ... as Alcira de la Pena"

MÉXICO

"Causou-nos grande satisfação receber vossa jornal que, embora não chegue com regularidade, diz bem claramente que realiza um grande esforço para atender as aspirações das mulheres. Como nós, sabemos quão necessária é a união de todos os setores femininos do mundo se quisermos ter realizado todos os anseios democráticos dos povos. Saudações de todas através do meu abraço. (a) Emilia Elias de Ballesteros, Secretária geral da União das Mulheres Espanholas do México."



BLUMA

Um ano de vida de O MOMENTO FEMININO é uma grande expressão do que pode a mulher brasileira.

SOCIEDADE CÍVICA FEMININA DE SANTOS

Cabe-nos, em nome desta associação e da Federação de Mulheres, agradecer-vos a maneira gentil acolhedora como recebistes e homenageastes a nossa presidente e representante, Senhora Maria de Magalhães Santos Silva, durante sua permanência oficial, nessa capital, como delegada do Centro Santista de Estudos e Defesa do Petróleo e indicada para participar das aulas, aí organizadas pelo referido Centro Nacional. Podemos adiantar que as mulheres de Santos se dispuseram a cooperar, no sentido de aumentar o número de leitoras desse jornal, que é da mulher e para a mulher, providenciando, assim, por diversas formas a sua divulgação. Em breve, enviaremos trabalhos de colaboração, sobre diferentes assuntos. Formulando votos de progressos e muita prosperidade a "MOMENTO FEMININO", pedimos transmitais as nossas saudações, cordiais e democráticas às mulheres do Distrito Federal. — Elvira Scorsa — 2.ª Secretária.

ESTADOS UNIDOS

"Ficamos muito satisfeitas em receber sua carta e o jornal. Que bom jornal vocês estão editando! Sinceramente, (a) Zelma Brandt, Co-presidente do Comitê de Assuntos Internacionais do Congresso de Mulheres Americanas."

MARIA CÂNDIDA

COMERCIAL: — "Eu gosto do jornal. Porque é educativo, tem artigos bons que atraem, é interessante. Gosto da página de modas, página infantil e das reportagens. Gostaria que 'MOMENTO FEMININO' publicasse reportagens cinematográficas, curiosidades e tópicos. V. assim mesmo, gosto do jornal e saúdo o seu primeiro aniversário, desejando que festeje ainda muitos e muitos anos de vida."

EDITH MALHEIROS.

COMERCIAL: — "Tenho lido o 'MOMENTO FEMININO' sempre que é publicado. Acho que devia circularizar outra vez a sua tiragem. De qualquer maneira, quero aproveitar a data do aniversário desse jornal, para dar os meus sinceros parabéns. Afinal não é nada fácil neste Brasil, aguentar um jornal desse tipo, tão popular... e de mulher! Mais uma vez, meus parabéns! Desejo felicidades e progresso!"

LÍGIA CALDEIRAS

DENTISTA: — Como jornal, "MOMENTO FEMININO" me agrada. Mas se é para dar sugestões, eu gostaria que se tocassem mais nos assuntos profissionais. Que se tornasse realmente uma bandeira na campanha que a mulher desenvolve para ser "alguém" na vida. E transmitir as minhas congratulações a "MOMENTO FEMININO", pois... as merece. E os meus sinceros desejos para que continue a sair sempre, regularmente, e com mais vigor.

Das leitoras de Sergine

FLORIPES SANTOS diz que O MOMENTO FEMININO é a verdadeira leitura de mulheres.

MARIA ANTUNINA SANTOS — Logo que chega O MOMENTO FEMININO quero logo tirar o meu número, tanto o aprecio.

ESTER SANTOS — Logo que me apresentaram O MOMENTO FEMININO, muito o apreciei.

LAURA SANTOS — MOMENTO FEMININO é de fato o jornal para mulheres.

ELIZETE — Sou leitora assídua de MOMENTO FEMININO, e acho ótimo.



HELOISA DE OLIVEIRA — MOMENTO FEMININO é para mim o órgão de maior valor instrutivo como jornal de mulheres.

Nossa saudação

Estamos completando hoje nosso primeiro aniversário e saudamos vocês — amigas boas, simples, entusiastas e acolhedoras a vocês que neste Brasil afóra acalentam filhos, realizam o fogo nos fogões, limpam e enfeitam a casa, a vocês que batem os teclados de uma máquina de escrever, a vocês que fiam, que escrevem, que acorrem aos apitos das fábricas, que pintam ou esculpem, a vocês todas, nosso abraço e nosso apelo; façam MOMENTO FEMININO ser realmente um jornal útil à mulher brasileira. Dêem a MOMENTO FEMININO estímulo, proteção, amizade e ternura para que ele seja bom, necessário e belo.

E o que pedimos a vocês neste nosso primeiro aniversário.

«MEU FILHO É MEU MAIOR INCENTIVO»

PIEDADE COUTINHO RECORDISTA DO BRASIL E DO CONTINENTE, PREPARA-SE PARA CONQUISTAR UM TÍTULO MUNDIAL — DAS OLIMPIADAS DE BERLIM À DE LONDRES — PARTE CHEIA DE ESPERANÇAS A FIGURA MÁXIMA DA NATAÇÃO BRASILEIRA — A COMPANHIA DO ESPÓSO E DO FILHO, FATOR DECISIVO DO SUCESSO DA «CAMPEONÍSSIMA» — (Rep. de SANDRO)



— Competir é o que importa. Vencer ou perder é secundário — esse é o lema dos jogos olímpicos, que em breve reunirão em Londres, a juventude de 62 países, homens e mulheres das mais diversas raças, cores e credos, na maior de todas as competições mundiais.

A mocidade brasileira também participará desse grande certame internacional, onde se pratica o esporte no mais puro sentido amadorista, o esporte pelo esporte.

É a terceira vez que os nossos atletas intervêm nas Olimpíadas. Estivemos em Los Angeles, depois em Berlim. Nunca no entanto a nossa representação foi tão homogênea, tão brilhante como a de agora. Do atletismo, do basquete, da natação, do remo etc., enviaremos o que de melhor possuímos, a força máxima da nossa juventude esportiva.

Principalmente nas competições natorias o Brasil tem grandes possibilidades de conquistar um título olímpico. Neste setor, a figura inconfundível de Piedade Coutinho, a «campeoníssima» surge como uma esperança, mais ainda, uma quase certeza de triunfo para nossa representação. Em forma esplêndida, nadando como nunca, quebrando recordes com facilidade espantosa, Piedade está fadada a cobrir-se de glórias nas Olimpíadas de Londres.

HA DOZE ANOS ATRAS...

Fomos ouvir a estrela máxima das piscinas sul-americanas, sobre a grande competição, seus sonhos e esperanças. Não é a primeira vez que ela participa nos jogos olímpicos. Em 1936, há doze anos portanto, «Filhinha» competiu nas Olimpíadas de Berlim.

Em seu apartamento, rodeada pelo esposo e por seu filho Piedade Coutinho nos mostra um album de recortes, onde está toda a sua vida esportiva. A grande campeã vai lembrando os seus feitos passados, as primeiras vitórias, o primeiro recorde.

— Isto aqui — diz ela — são recortes sobre a última olimpíada. Eu era então uma menina. Tinha apenas 16 anos. Fui para Berlim sem esperar vitórias. Confiava muito pouco nas minhas possibilidades. Ainda não tinha experiência de provas internacionais e nos 400 metros livres, competiriam comigo as maiores nadadoras do mundo. Para mim era impossível vencer. Sabia disso. Me lembro que na hora da oerrida tremia de nervoso. Assim mesmo lancei-me a luta com um entusiasmo tão grande que consegui ótima colocação. Acho que foi essa a maior alegria que me deu o esporte.

Piedade vai folheando o album.

Há recortes sobre o seu tempo no Guanabara, com o velho Irineo, mais tarde no Flamengo onde teve a época de ouro de sua carreira.

— Nesse tempo eu treinava diariamente — comenta a nadadora.

MEU FILHO É MEU MAIOR INCENTIVO

Agora Piedade Coutinho está mudada. Casou-se. É uma excelente dona de casa, toda voltada para o lar, o marido e o filho.

— Frederico, o meu garotinho, será um grande campeão. Já está nadando com muito desembaraço. Vêja como é forte — diz apontando orgulhosa para o filho.

A conversa prossegue. Fala-se nas próximas Olimpíadas. Piedade atualmente está em forma esplêndida. Seu tempo para os 400 metros livres, prova de sua especialidade, que em 1936 era de 5' 26" baixou para 5' 20", um tempo excepcional, recorde brasileiro, sul-americano e uma das primeiras marcas mundiais. Nesta prova está a grande chance de Piedade triunfar. A oportunidade da grande campeã increve, pela primeira vez, o nome do Brasil entre os vencedores olímpicos.

— Nunca tive tanta vontade de competir como agora. Sinto-me em ótimas condições técnicas. Treinei com afinco mais de três meses e consegui cobrir todos os índices do Comitê Olímpico.

— No entanto — continua Piedade — houve um momento em que vi tudo perdido. Não queria permitir a ida de meu marido e de meu filho e sem eles, em hipótese alguma eu iria a Londres. Minha família para mim vale mais que qualquer glória esportiva.

— Mas o perigo já passou não é verdade?

— Sim. Quando eles viram a minha decisão em não embarcar sozinha, trataram de arrumar as passagens. Houve boa vontade de alguns amigos. Tudo se arranjou.

E sempre animada Piedade continua.

— Não quero porém que pensem que se trate de um capricho meu. Absolutamente. O caso é simples. Para uma competição da importância das Olimpíadas, temos que estar em excelentes condições, quer técnicas, quer psicológicas. E eu jamais conseguiria isso longe de meu esposo e de meu Frederico.

E atagando carinhosamente o filho, diz cheia de ternura.

— Meu filho é meu maior incentivo. Sem ele eu não poderia vencer. Felizmente tudo se resolveu. Fiquei satisfeita e estou grata aos que me compreenderam e me ajudaram.



E quando nos despedíamos Piedade diz ainda:

— Agora só penso na competição. Trato de apurar mais ainda minha forma. Não quero deixar as piscinas sem a glória de um título olímpico. Espero dar a natação brasileira a sua maior vitória.

ESPORTE MENOR

SERRANO F. CLUBE

JUAREZ CRAUS



O Serrano é uma equipe composta de infantes em quase a sua maioria, e também uma das mais categorizadas do populoso subúrbio leopoldinense com sua sede social à rua Angélica, nº 355, em Glória.

Possui esse disciplinado clube um cartel de expressivas vitórias, tendo muito poucas vezes amargado o sabor de uma derrota. Conta a sua equipe com verdadeiros ases do futuro, como sejam: Lalau, Zezé, Jaime, Nilton, Gringo e Guilherme, não desmerecendo os demais, possuidores também de grandes recursos técnicos, que assum formam um onze sem problemas e de grande eficiência.

O atual "team" do Serrano é composto dos seguintes elementos: — Tazinho, Varido, Hélio, Gringo, Nilton, Guilherme, Jaime, e Ubirajara, Zezé, Lalau, Porro, Reinaldo, Naneco, Aires, Ant n'inho e Vevê.

No próximo domingo enfrentará o quadro de igual categoria do Primor F. Clube.

Em "match" revanche, Penedo F. C. x E. C. Central, houve um empate de 7 tentos a 3, jogo realizado domingo último, no campo do São Geraldo, em Olaria a convite do E. C. Central.

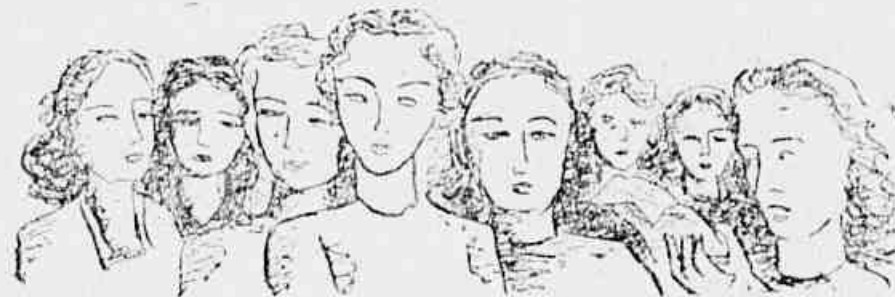
Jogo movimentado onde surgiram jogadas sensacionais, o quadro do Central brindou a assistência com mais uma das suas soberbas atuações. Destacamos valores como: Vadinho, Valter,

Wilson, Neco. Um valiz meia direita, Paulinho, Nelsinho, Pinuca e a revelação do campeão da disciplina, que é o goleiro Jorge I. Ferreira, Amílcar e Tião, que completaram o quadro. No Penedo F. C., que teve em seu goleiro Valtinho o ponto alto da equipe, os acentais Ceci, Marilu e Jaime em primeiro plano os demais Rogério e Gambá com atuação regular e Antoninho, o autor do 1.º tento, logo a seguir Ivo que marcou o 2.º tento e o 3.º tento, de penalty aos 41 finais, quando o domínio do E. C. Central era completo.

Na preliminar venceu o E. C. Central pela contagem de 2 tentos a 0. Marcaram os tentos José e Luis um cada. No primeiro quadro do E. C. Central fizeram os tentos na seguinte ordem: Ferreira, em ótima oportunidade conseguiu de modo violento balançar a rede guarnecida pelo arqueiro Valtinho; logo a seguir cobrando uma falta próxima à área com violento chute, que pode-se dizer incrível surgiu o 2.º tento, para finalizar o terceiro e o último tento Nelsinho cobrando uma falta da linha de corner.

Registraramos uma nota desagradável neste encontro: a expulsão de campo de Amílcar e Bira. O centro-avante do E. C. Central atingiu o centro-médio do Penedo F. C. Este último, revidando intencionalmente atingiu o centro-avante Amílcar na altura do tórax.

O juiz agiu a contento.



Nosso primeiro aniversário

GAROTAS E GAROTOS

Vocês querem passar uma tarde bem divertida? Então venham no próximo dia 24, festejar o primeiro aniversário de MOMENTO FEMININO, à rua Ibituruna, nº 45, onde vocês terão: cinema, teatro de bonecos, show com os mais queridos artistas, barraquinhas de pesca milagrosa, concurso de calouros, etc. Haverá um prêmio para a criança que melhor representar. Portanto, preparem-se. Venham e tragam suas mães e seus papais.

Vocês podem encontrar os convites à avenida Rio Branco, 257, sétimo andar, sala 715 e no local da festa.



Literatura

Director:
REVISTA MENSAL

ASTROJILDO PEREIRA
Publica estudos, ensaios, poemas, contos, críticas de livros, crônicas da vida literária, documentos de interesse cultural, etc., etc.. Assinatura por 12 meses: Cr\$ 50,00

Preço do número avulso Cr\$ 5,00

Redação e Administração:
ALCINDO GUANABARA,
17 - 7.º andar — Sala 702
RIO DE JANEIRO

* CONVERSANDO COM OS ESCRITORES

Nossas amigas gostarão de sentir mais de perto aqueles que no Brasil escrevem contos, poesia, romances. Gostarão de saber de suas preferências e de suas opiniões. Daí iniciarmos hoje uma série de conversas com es escritores brasileiros. Inauguramos nosso "enquete" ouvindo LUCIA MACHADO DE ALMEIDA, escritora mineira, inteiramente dedicada à literatura infantil. Lucia tem vários livros publicados e sua prosa é simples, poética e deliciosamente ingênua. Lucia é, sem dúvida nenhuma, a maior escritora para crianças que o Brasil possui, no momento.



POR QUE ESCRIVE?

Por várias razões: porque sinto necessidade de libertar e fixar minha imaginação; porque gosto muito de crianças; porque isso me diverte e diverte meus filhos.

Jamais tive a pretensão de ser escritora, se bem que desde menina tivesse alguma facilidade para escrever. Acontece que eu era um tanto pernóstico e vivia impressionada com a palavra "feyônio". Achava-a magnífica e de grande efeito. Se fazia uma composição no colégio, dava logo um jeito de enfiá-la no meio, crente que

a professora iria ficar embasbacada. Certa vez em que eu abusava do termo, a mestra grifou a palavra e escreveu do lado: "por que você é tão pedante, hein, menina?" Tive uma desilusão e resolvi ser mais natural... e deixei o "feyônio" em paz.

COMO VOCÊ ESCRIVE?

A primeira história de peixes que inventei foi feita como recurso para divertir um filho que estava doente. Meu marido mostrou-a, escondido de mim, a Marques Rebelo. Acharam que eu tinha feito para a coisa e meu irmão Anibal Machado concordou. Assim saiu... "No Fundo do Mar".

Sinto-me um tanto amarrada quando eu tenho de me prender a algum assunto, como aconteceu com as "Viagens" de Marco Polo e as "Lendas da terra do Ouro". Prefiro criar e movimentar os personagens à minha vontade.

O QUE PROCURA EXPRESSAR COM SUA LITERATURA?

Confesso que nunca pretendi mostrar ensinamentos às crianças através de minhas histórias. Se isso acontece, é involuntário; prefiro distraí-las e comovê-las. A realidade da natureza é tão sugestiva e tão linda que pode e deve ser o melhor ponto de partida para a fantasia dos escritores.

QUAL O SEU PERSONAGEM MAIS AMADO?

Sempre o que estou criando no momento.

VOCÊ PENSA QUE SUA LITERATURA TEM ALGUMA INFLUÊNCIA? QUE ESPÉCIE?

Não me preocupo com isso. Entretanto, tenho grande alegria quando sei que uma história minha divertiu uma criança. Principalmente se a criança for triste ou estiver doente.



ARTES PLÁSTICAS

Uma pintora abstracionista

SILVIA

A história do surrealismo é um amontoado de documentos que comprovam a insatisfação do artista diante da sua realidade vivida. Principalmente a sua impossibilidade de encontrar para a obra plástica a interpretação expressionista de seu encontro com as coisas e os seres. O encontro de si mesmo com a manifestação consequente.

Salvador Dalí, um dos famosos surrealistas deste século, acha próxima a idade em que será sistematizada a confusão. Quem não conhece o surrealismo de Salvador Dalí, cujas excentricidades já movimentaram as páginas de nossas revistas mais populares? Até mesmo o cinema já apresentou a sua arte...

Em São Paulo, temos um representante desse tipo de abafamento - friarístico - plástico que nos tem mostrado muitos trabalhos em várias exposições coletivas, inclusive no Salão Nacional de Belas Artes. É o alemão Walter Levy. Certa vez, recordo bem, enviou um quadro para a Feira de Arte Moderna a favor da campanha do esforço de guerra da Liga da Defesa Nacional. Era um trabalho assim: um campo largo, com muita distância, dois seixos saindo da terra, um grande olho, montanhas e outros elementos que os surrealistas usam muito. As perguntas chegavam de todos os lados. Que significa? Interprete? De. Etc. Isso me ocorreu porque pedindo o catálogo de Margaret Spence recebi a resposta:

— Os quadros não têm títulos... cada um sente a seu modo, as interpretações são diferentes. Cada visitante tem essa liberdade.

Quando a literatura pretende explicar o surrealismo a gente lembra logo o processo de André Breton com o seu Manifesto: — meus olhos não são mais expressivos que as gotas de chuva que caem na palma de minha

mão; no íntimo de meu pensamento cai uma chuva que arasta as estrelas como um rio carregado de ouro para assar o ciner os cegos, (reproduzo de memória). O pintor como representará tal pensamento? Nada explica melhor. Sim, tantos problemas como poderão ficar situados dentro de um quadro? Crescem os símbolos que têm a força representativa da síntese e também as convenções se afirmam para dar o significado de certa linguagem. Então, que, cada um interprete a seu modo, de acordo com a sua invenção, manejando o seu virtuosismo. Geralmente os surrealistas materializam excessivamente, o que em arte é pena.

Margaret Spence é uma boa surrealista, pela dominação que nele exerce o abstracionismo. Foge sempre que pode da literatura, procura dissolver as representações objetivas, encontra a sua sensibilidade quando atinge ao fabuloso jogo de formas, de cores, de matéria. Quando volta à limitação das coisas imaginadas, a gente sente falta da vibração colorida que tanto festeja a artista e sofre diante dos choques de planos marcados e contrastados.

Os processos do seu metier, pouco importam, quando se pretende dizer alguma coisa sobre a sua arte. Pintando a "duco", a esmalte ou desenhando em branco e preto, ou fazendo mosaico, ou ainda construindo uma cerâmica escultórica — é a abstração que firma o seu acervo de artista.

Conversando com a jovem pintora de cabelos grisalhos e de atitudes adolescentes, sente-se desde logo que o seu caminho está juncado de inquietudes para serem superadas.

— Estou cansada dessa forma qua-



drangular... quero formas novas. O emoldurado também faz parte do meu conceito de harmonia...

Lá estão alguns quadros fugindo totalmente a esse lugar comum que está fedado a enfeitar paredes. E olhando os quadros, depois de avisado, o espectador acha agradável a forma nova que a fantasia da artista inventou.

A Exposição de Margaret Spence está na sala do Instituto dos Arquitetos do Brasil: um ambiente agradável que vem reunindo moças e rapazes que fazem pintura. E' contagiante a presença da artista e assim temos mais uma sala para reunir artistas fiéis à emoção e à liberdade.

Lá estivemos e por isso mesmo convidamos nossas leitoras para o hábito de visitar exposições de pintura. Aos poucos irão se convencendo que o decorativo não pertence apenas às almofadas e que qualquer motivo representativo desse caráter pode ficar bem ornamentando paredes. Margaret Spence é um decoradora capaz de realizar grandes planos de formação de nossos ambientes familiares. A mulher também é artista.

CONFERÊNCIA

do prof. Artur Ramos.
4 DE AGOSTO



A Escola Livre de Estudos Superiores da Casa do Estudante, patrocinará a conferência "Novas perspectivas na ciência das relações humanas" que o Professor Artur Ramos pronunciará dia 4 de agosto, às 17.30 horas, no Salão Nobre da C.E.B. (Rua Santa Luzia, 335).

Artur Ramos um dos maiores cientistas brasileiros, nasceu em Pilar, (hoje Manguba) Alagoas, a 7 de julho de 1903. Formou-se em medicina pela Faculdade da Bahia, contribuindo com a "Introdução à Psicologia Social", "As Culturas Negras do Novo Mundo", "Introdução à Antropologia Brasileira", "A Cultura Negra no Brasil", para o aperfeiçoamento do estudo das Ciências Sociais em nosso país.

MOMENTO FEMININO

Diretora:
ARCELINA MOCHEL

Gerente:
LUIZA REGIS BRAZ

Redação e Administração:
AV. RIO BRANCO, 257
Sala 715 — C. Postal 2013
Rio de Janeiro

Número Avulso. Cr\$ 1,00
Atrasado Cr\$ 2,00

Em defesa da mocidade

HELENA

Por duas vezes, na mesma semana, ouvi uma acusação à mocidade e à arte moderna, o que equivale acusar a uma mesma coisa.

O assunto era teatro. Comentava-se a futilidade das peças de MARIVAUX e o duro realismo de HUIS-CLOS. Duas gerações discutiam sobre peças de duas épocas diversas. Os que gostavam de MARIVAUX acusavam a mocidade de hoje e a arte de hoje, de morbidas. POR QUE somos morbidos?

PORQUE nosso teatro e nossa música não se preocupam mais com as intrigas de papos? Porque a nossa pintura retrata a vida que nós vivemos e os nossos romances não contam mais histórias de moças pobres que casam com príncipes?

Não, meus velhos, nós não somos morbidos. O que somos é sinceros e corajosos, sobretudo, corajosos. Uma geração como a nossa que sofre na própria carne as consequências de uma guerra não pode se divertir com a história dos amantes de uma louca boneca que mora num palácio, nem, tampouco, pode criar histórias semelhantes. O que ela pode contar é a história da luta de cada um consigo mesmo, sem medo de mostrar, ao lado do bem que quer, o mal que faz ou que fez. Não podemos tapar a realidade dos nossos sentimentos com versinhos lírios, porque vivemos uma vida de concorrência desenfreada, de luta sem descanso. Nossa geração só pode dar o que tem. Ela tem fome e ansiedade. Tem ódio e amor e coragem para falar deles nas mensagens que envia. Porque a arte que não diz coisa alguma não é arte. E o artista "imaginação pura" não convence uma geração cheia de problemas dramáticos para resolver, como a nossa.

Nossa aparente morbidez artística é a morbidez real da nossa existência, difícil e dura mas que não podemos nem queremos trocar por nenhuma outra do passado. Temos de caminhar para frente, e, enquanto seguimos a nossa estrada lutando por um mundo melhor, iremos contando a nossa jornada tal qual ela é, sem "mantos difáneos de fantasia".

Anunciem em

"MOMENTO FEMININO"



Margaret Spence e sua cerâmica

Nosso garoto

O 14 DE JULHO

Comemoramos, a 14 de julho, uma das grandes datas da Humanidade. Foi a 14 de julho de 1789 que o povo francês abriu para o mundo uma nova era, derrubando os nefastos privilégios da aristocracia e do clero, que sobreviviam a uma época já morta: a Idade Média. Esses privilégios caducos prejudicavam o livre desenvolvimento da sociedade, como essas roupas muito apertadas e muito curtas que atrapalhavam os movimentos dos meninos que cresceram demais, e estouraram em todas as costuras. Só há um remédio, não é? Tirar a roupa fora. E foi o que fez o povo da França, que desejava crescer à vontade; e foi o que fez a classe nova — a burguezia — que já sentia bastante forte para ocupar o lugar que em verdade lhe cabia, e que não lhe queriam dar. A tomada da Bastilha, prisão que simbolizava o sistema de injustiças e de opressão, marcou a vitória da Revolução, logo firmada, a 4 de agosto, pela "Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão", proclamada pela Assembleia Constituinte. Esses princípios eram: igualdade política e social de todos os cidadãos; respeito à propriedade; soberania da nação; admissibilidade de todos os cidadãos nos empregos públicos (até então exercidos quase que exclusivamente pelos membros da nobreza e do clero); obrigação imposta a cada homem de obedecer à lei, expressão da vontade geral; respeito das opiniões e das crenças, mesmo religiosas; liberdade da palavra e da imprensa; divisão equitativa dos impostos livremente consentidos pelos representantes do país (e de que até aquela época eram isentas a aristocracia e o clero). Como aplicação desses princípios, a Assembleia Constituinte de 1789 decretou, naquela data, a abolição da nobreza, do regime feudal, dos títulos de todas as instituições que atentavam contra a liberdade e a igualdade dos direitos.

Foi depois dessa data, que é uma data universal, que a burguezia pôde desenvolver-se sem pês e que as condições econômicas por ela criadas permitiram o aparecimento e o crescimento de uma nova classe: a classe operária.

PARA O QUARTO DA



A menina cresceu; já não se interessa pelos bichinhos da parede e da guarnição, pelos arranjos infantis de seu quarto de dormir. Sonha em ter um quarto de moça", e como vai fa-



ze. A moça, a menina bem gostosa de fazer essa surpresa no dia de seu aniversário. Não se importa com o trabalho que isso lhe custará, mas não está em condições de fazer muita despesa, com a vida cara de hoje e o dinheiro curto que é a preocupação constante da dona de casa. Mas, no caso, a despesa será pouca. Trabalho, imaginação e bom gosto — eis do que precisamos para transformar completamente o quarto de nessa "mocinha".

Temos três boas sugestões a dar para essa reforma. A falta de espaço nos obrigará a dar hoje apenas a primeira, que, aliás, talvez seja a mais prática e interessante. Se o quarto da menina já tiver cortinas, brancas ou creme ou de qualquer outra cor líza e clara, elas serão aproveitadas. Aproveitaremos também a côlcha comum de sua cama, dessas de tustão branco do uso, que transformaremos em graciosa coberta florida. Assim, o material que nos resta comprar é muito pouco: três metros de linhão grosso, desse barato, nas seguintes combinações de cores, amarelo vivo, azul forte e vermelho, ou rosa, azul e lilás, ou laranja, verde jade e vermelho, ou cereja, amarelo e azul anil. Essas combinações ficam muito bonitas, mas podem ser variadas conforme a preferência de cada um e conforme os retalhos por acaso existentes, evitando a compra de material novo. Compraremos também uma meada de linha de bordar, grossa, preta e outra de linha verde brilhante, para as folhas. Recortaremos a fazenda da aplicação em forma de flores ou de maçãs, disporemos uma ao lado da outra, nas três cores escolhidas, alinhavamos na fazenda e prendemos com ponto de festão largo, na linha preta. O miolo das flores ou frutas será feito em ponto de nó (cinco a seis para cada) da mesma linha preta. Completaremos a aplicação bordando algumas folhinhas em volta de cada flor ou fruta. E é só.

Os ramos ou apanhados de frutas serão aplicados na côlcha branca, na seguinte disposição: uma na cabeceira, devendo ficar colocado sobre a parte da côlcha que recobre o travesseiro; três ou quatro na parte que recobre o colchão com algum intervalo entre eles, a fim de evitar que se amontoem demasiadamente, o que prejudica o aspecto do trabalho. A simetria não deve ser muito rigorosa, para que as aplicações tenham certo movimento. Na parte da côlcha que cai, devem ser dispostos dois

ou três ramos de cada lado, com espaço regular entre os mesmos. A côlcha está pronta. Passemos às cortinas.

Lavam-se bem as cortinas existentes (o melhor processo é com água morna e sabão Lux ou outro qualquer sabão laminado, do mesmo tipo; basta deixar de imersão durante algumas horas, mudando a água e substituindo-a por outra dose de água morna com sabão laminado se a primeira ficar muito suja). Depois de secas e bem passadas, core um arzinho de gôma, para que pareçam novas, aplicam-se ramos semelhantes aos das côlchas, tomando o cuidado de que as duas cortinas fiquem inteiramente iguais.

Com um pedaço de opala, fustão ou morim, faremos os paninhos para a mesa de cabeceira, a escrivaninha, a estante ou qualquer outro móvel baixo que haja no quarto da menina. Os ramos, naturalmente, deverão ser bem menores do que os da côlcha e da cortina.

Aconselhamos a pregar nas paredes algumas prateleirinhas de madeira, que não custam caro nas casas de móveis ou nas lojas americanas mas que sairão de graça se o Papai ou o irmão mais velho as fizer com alguns caixotes. Essas prateleirinhas serão cobertas com panos iguais ao da mesa de cabeceira, bastando que os ramos sejam aplicados na parte que recai. Se as bordas forem recortadas de forma arredondada e decoradas com um vize de cor viva, de uma das flores ou frutas (azul ou verde, por exemplo), os paninhos ficarão mais graciosos e alegres. Dispostos nas prateleiras alguns livros ou dessas tertéias habituais nos quartos de menina, o aspecto será encantador.

No próximo número daremos outras sugestões.

Em tempo: Num abajur de papel branco poderemos pintar, com tinta a óleo, laca ou aquarela, motivos semelhantes ao do resto da guarnição. Quem não tiver jeito para pintar, poderá forrar o abajur com pano branco, no qual fará as mesmas aplicações da côlcha e do resto.



PARA O SEU CONHECIMENTO O CAMPO DE SANTANA

É um dos raros parques desta cidade que, apesar de seus quase dois milhões de habitantes, os tem em insignificante quantidade. Chamou-se, outrora, o Parque da Praça da República. Denominam-no hoje de Parque Júlio Furtado, em homenagem à memória do falecido médico-urbanista desse nome. Tem 525 metros por 315, com o perímetro de 1.564. Há nele quatro grandes portões. A obra foi ordenada pelo Governo Imperial de 1873, custada pela Câmara Municipal e executada sob a direção do francês Glazou, arquiteto, paisagista e botânico. O parque inaugurou-se em 1880.

As ruas ou alamedas modernizadas ocupam 33.522 metros quadrados. A superfície plantada é de 85.578 metros quadrados.

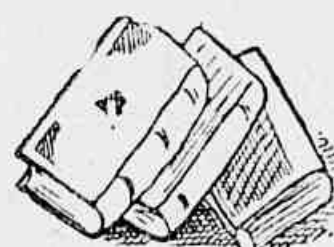
Junto ao Portão Oeste está a Cascata, imitação da natureza, com a gruta calcarea onde há estalagmites e estalactites, vendo-se os riachos. De sua abóbada correm filôtes de água cristalina. O lençol das águas é atravessado por uma ponte e por grupos de pedra. Ali, encontram-se os peixes vermelhos, que fazem o encanto da garotada.

É preciso notar que esse parque está cheio de essências finas. As árvores são esplêndidas e copadas, em grande parte cheias de flores.

Foi nesse lugar que um aventureiro internacional quis montar o jogo franco e legalizado, comprometendo-se a pagar todas as dívidas externas da Prefeitura. Isto há muitos anos. Recusaram a proposta, por imoral, e expulsaram o malandro, por indesejável.



Carolina Maria, numa fotografia ad para nosso jornal



Livros

REVISTAS ESTRANGEIRAS

Cultura Política — Filosofia — Ciência

Pedidos pelo Reembolso Postal

Editorial Vitória Ltda.

Rua do Carmo 6, 13º andar, sala 1.306, Rio

PARA OS MAIORES

Os Horácios e Curiáceos

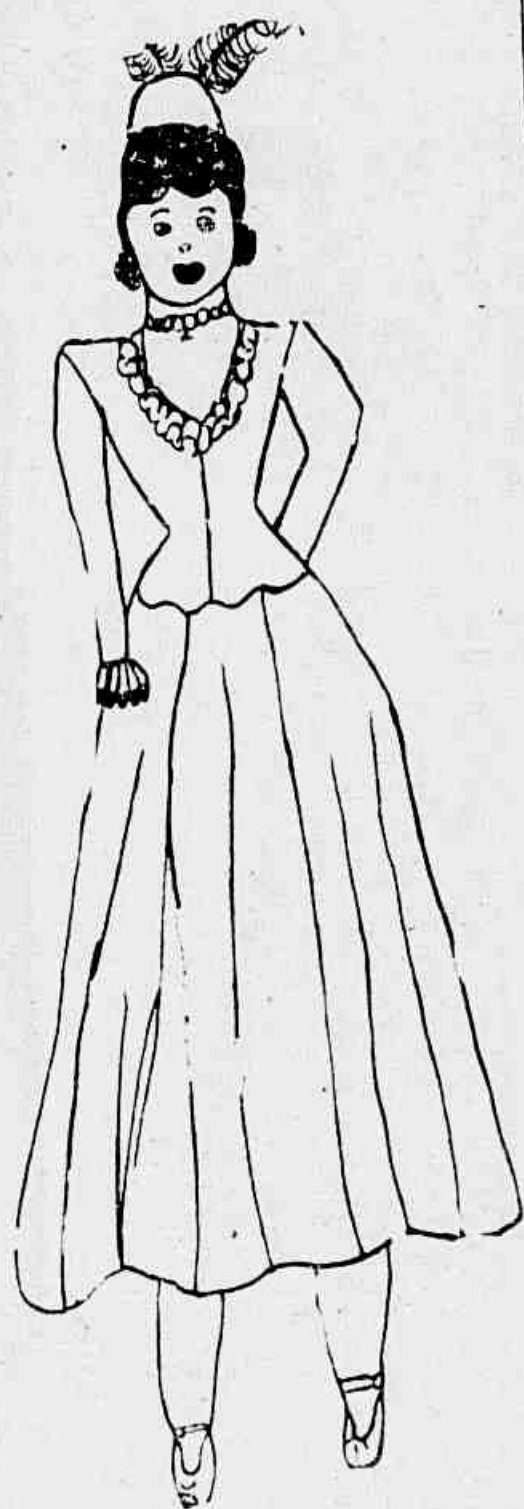
Vou contar a vocês, meus amiguinhos mais velhos, a história da luta entre os três Horácios e os três Curiáceos, para lhes mostrar a força da união e o perigo que corremos quando nos deixamos apartar de nossos aliados, de nossos amigos, dos que lutam a nosso lado.

A história se passou na Roma antiga, durante o reinado de Túlio Hostílio, que segundo a tradição, de 670 a 630 A. C. (vocês sabem que a gente conta esse tempo de maneira diferente, de trás para a frente, como o andar dos caranguejos). A cidade de Roma estava em luta com a cidade de Alba, para saber qual das duas deveria ter a primazia e passaria a mandar na outra. A sorte das duas cidades ia ser decidida de maneira singular: por meio de uma luta, travada pelos três irmãos Horácios, romanos, de um lado, e pelos três irmãos Curiáceos, da cidade de Alba, do outro, em presença dos dois exércitos inimigos. Pensando bem, era uma forma interessante de decidir a parada, arriscando apenas a vida de seis homens em vez da vida de dois exércitos inteiros. Pelo menos, era original.

Logo no primeiro choque, dois dos irmãos Horácios caíram mortos, e os três Curiáceos foram feridos. O Horácio sobrevivente compreendeu que, sozinho, não poderia enfrentar seus três inimigos e que só chegaria a vencê-los se conseguisse separá-los, se soubesse dividi-los. Assim, pois, fingiu que fugia, e deitou a correr. Estava certo de que os três Curiáceos o perseguiriam, mas previa que, o mais gravemente ferido em breve ficaria para trás, que o que não estava tão ferido se distanciaria dele, mas seria, por sua vez, distanciado pelo que não recebera ferimento algum. E assim sucedeu. Eles o perseguiram com velocidade maior ou menor, de acordo com o ferimento recebido, e então, quando a distancia entre os três se acentuou bastante, Horácio voltou sobre seus passos, matou o primeiro, depois atacou o segundo e matou-o, e foi afinal ao encontro do último, que matou também. E, vitorioso, deu a vitória a seu exército e à sua cidade.

Evidentemente, se tivessem ficado juntos, unidos, lado a lado, os três Curiáceos não teriam sido derrotados; ao contrário, matariam seu inimigo. Essa história nos ensina uma grande lição: só unidos conseguiremos a vitória. E nós, como bons brasileiros, lutamos ao lado daqueles que querem a independência de nosso país, pela qual morreu o nosso Tiradentes, daqueles que querem o bem-estar de nosso povo, daqueles que jamais aceitarão a idéia de ver o nosso Brasil transformado numa colônia, privado de suas riquezas naturais, como o petróleo, por exemplo.

Não façamos como os Curiáceos, para que algum Horácio, aproveitando-se de nossa desunião, não nos venha ferir de morte.



Joaquim Onofre e Francisco Celestino, filhos da grande amiga de MOMENTO FEMININO, Irene e Cruz Santos

Mando este desenho para o querido MOMENTO Feminino o jornal preferido de minha mãe. Tenho 6 anos e estou no colégio, já sei ler mais ou menos e copiar, também, e gosto muito de desenhar.
Alia de Subeira, Juiz de Fora



Palavras cruzadas

1	2	3	4	5
6				
7				8
9				
11			12	
		13		

PROBLEMA Nº 1 HORIZONTAIS

- Quero
- sacrifica
- Para lavar roupa
- ação
- ruim
- ofereça
- para construção
- não acerte

VERTICAIS

- axioma, o que se faz no colégio
- faz moedas
- vontade de dormir
- prontme
- agora
- entre 2 montanhas
- oceano
- Clube de Regatas

Versos para os pequeninos
Quando eu crescer, saberei lutar,
com toda a força do coração
pelo meu povo, pelo meu lar,
pela grandeza desta nação.

Colaboração infantil

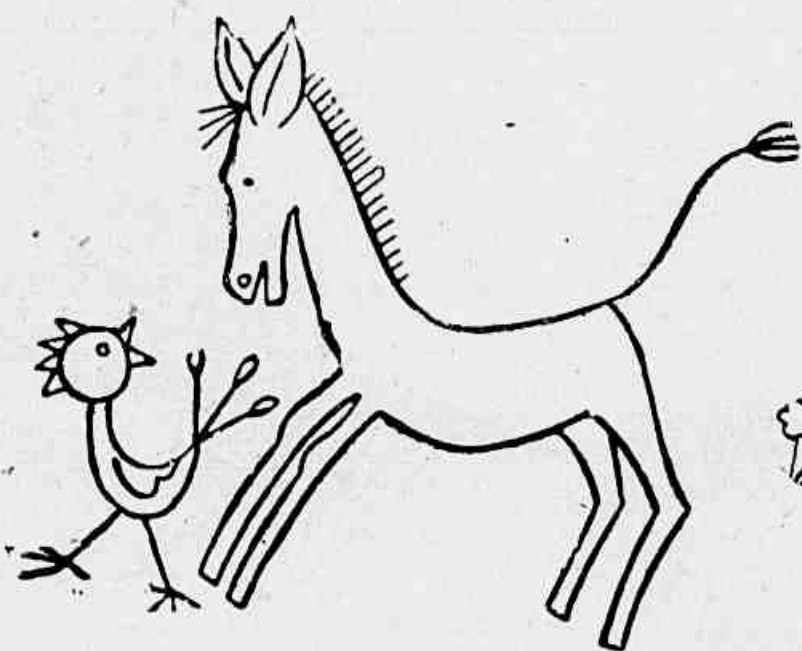
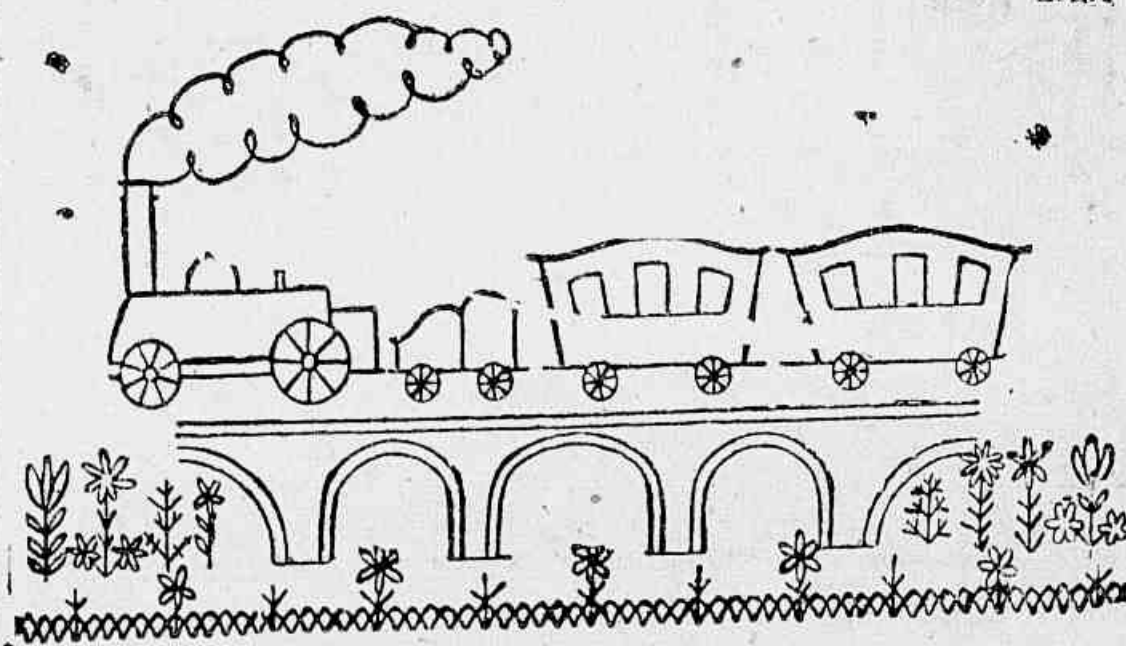
AOS LEITORES DO PICA-PAU AMARELO

Ao saber do falecimento de Monteiro Lobato, fiquei muito triste, como a maioria dos leitores do Pica-pau Amarelo. Quem substituirá Monteiro Lobato? Acho que mesmo que outra pessoa tentasse fazê-lo, os habitantes do Pica-pau Amarelo não haveriam de querer continuar a vida com a mesma vivacidade e alegria que dantes. Nenhum escritor conseguiu tomar por completo o coração das crianças e ficou com tanta

fama como ele. Ele dava vida aos seus personagens, e fazia com que as crianças, e mesmos adultos tivessem vontade de ir para o sítio da boa dona Benta. Aposto como ele está trocando as impressões da sua obra com o anjinho que Emilia apanhou quando foi visitar São Jorge e que fugiu na primeira oportunidade.

Com ele, morreram também os habitantes do Pica-pau Amarelo. Foi uma pena para todos a perda de Monteiro Lobato, e assim confirmará lá do céu o nosso anginho.

LILA



BOA MEMÓRIA O PEQUENO CHARADISTA

Se você tem boa memória, responda a essas perguntas:

- O Brasil foi descoberto no ano de 1880, 1492 ou 1500?
- O Brasil se divide em 20, 15 ou 25 Estados?
- A capital de Minas Gerais é Juiz de Fora, Uberaba ou Belo Horizonte?
- Concerto — significa um ato musical, arrumação de coisa quebrada, ou uma peça de teatro?
- O arco-íris se compõe de 3, 7 ou 5 cores?
- Monteiro Lobato escreveu: "O Poço do Visconde", "Histórias da Carochinha", ou "Reinações de Narizinho"?

Responda a essas perguntas, marcando a resposta certa e depois verifique se acertou tudo mesmo. No próximo número de "Momento Feminino" daremos as respostas.

Charadas novíssimas

A bebida não é barata no enorme quintal de minha casa — 1-2.
A fruta brasileira de grande porte caiu no jardim da acusada e quase esmagou a cabeça do anfitrião — 2-1.

Charadas casais

O brinquedo chegou na sobre-mesa — 2.
Aquela residência figura no acontecimento — 2.
A briga causou morte e tristeza — 2.

Charadas sincopadas

A doida chegou de padiola — 3
O homem da casa ao lado comprou a bebida — 3.
A casa de meu irmão foi construída pelo último modelo — 3.

Beleza



Modelos Italianos

De semana em semana ENEIDA

E assim vamos vivendo, manchetas eletrizantes e de terror enchendo os jornais. Os que tanto e tanto querem uma nova guerra, amacaram com bonitas utopias e hipotéticas totais e se encaregam de manter bem alto, em letras espetaculares, o capitalismo de guerra. As mentiras vindas do exterior fazem rodas em torno das montanhas nacionais e todas de mãos dadas não querem que o homem comum continue andando sem caminho, caindo no ar e confundido, pisando as rodas, saltando as letras espetaculares.

Os crimes se sucedem com retratos das vítimas e dos criminosos. Nos Estados Unidos — sempre filme em se — um urso atropelou um ônibus. N'altalua o Papa se sentiu insultado por uma deputada e vai processá-la. Um "cinicista" (será entre aspas ou não?) americano descobriu que a cultura dá... cabelos. Uma mulher culta, diz ele, é propensa imediatamente a criar fios de bigode e barba. Será divertido. — Que tal fulana? — Não sei, nunca a ouvi falar, mas deve ser um gênio porque tem barbas. Um respeitinho lançou um diário da favorita de Hitler. Logo aparece outro com o diário da favorita de Mussolini. Todos escrevem

ram diários... Para esse tipo de literatura escandalosa e criminosa não há fogueiras elétricas. Tudo isso, por que será?

No meio de tanta coisa, MOMENTO FEMININO completa seu primeiro aniversário. Naquela noite — lembram vocês, amigos? — fiz um fratinho triste e esperamos que nosso pranchito número aparecesse. A madrugada encontrou-nos ali meio tritantes e inquietos. Como vai viver nosso jornal? Como seremos recebidos? Estaríamos em condições de dar às mulheres brasileiras, nossas irmãs, aquilo que desejamos? Um jornal simples como nós mesmas, sem máscaras, sem veus. Isso foi há um ano atrás. A luta para que nosso jornal viva e realize, tem sido dura. Mas sabemos que assim o seria MOMENTO não é ainda o que desejava, o começo desciamos. Mas vai ser porque temos consciência de sua utilidade. E neste aniversário sentimos um bruto orgulho: MOMENTO FEMININO existe e nossa luta por sua existência

culo 2 raios, 2 feras de engomar e 2 fogueiras elétricas. Tudo isso, por que será?

No meio de tanta coisa, MOMENTO FEMININO completa seu primeiro aniversário. Naquela noite — lembram vocês, amigos? — fiz um fratinho triste e esperamos que nosso pranchito número aparecesse. A madrugada encontrou-nos ali meio tritantes e inquietos. Como vai viver nosso jornal? Como seremos recebidos? Estaríamos em condições de dar às mulheres brasileiras, nossas irmãs, aquilo que desejamos? Um jornal simples como nós mesmas, sem máscaras, sem veus. Isso foi há um ano atrás. A luta para que nosso jornal viva e realize, tem sido dura. Mas sabemos que assim o seria MOMENTO não é ainda o que desejava, o começo desciamos. Mas vai ser porque temos consciência de sua utilidade. E neste aniversário sentimos um bruto orgulho: MOMENTO FEMININO existe e nossa luta por sua existência

CORTES DE CABELOS E PENTEADOS

CONSELHO AS LOURAS E AS MORENAS

6) Ou este penteado que também salienta as linhas do pescoço. Liso atrás preso com uma travessa ou um pregador enfiando apenas um lado do rosto.

CONSELHOS AS MORENAS:

A "maquiagem" das morenas deve ser cuidadosamente feita para evitar que uma fôrça tenha o tipo de "mulher fatal". Evitar o excesso de pó e rouge e o baton escuro. A cor do pó de arroz deve aproximar-se o mais possível da cor da pele. Labios pintados com baton claro ou meio-rosa um ligeira acentuação de sobrancelhas (quando elas forem pobres e claras) e um pouco de óleo de ricino nas pestanas, eis a "maquiagem" ideal para as morenas. Também não deve a morena usar perfumes muito gritantes. E seu uso o mais diminuto possível. As cores para as morenas são: o vermelho, em todos os tons; o branco, o amarelo, o róseo e o azul. Não lhes ficará bem o marrom, o verde e o azul marinho.

PARA AS LOURAS:

As louras devem adotar um "maquiagem" mais quente que sua

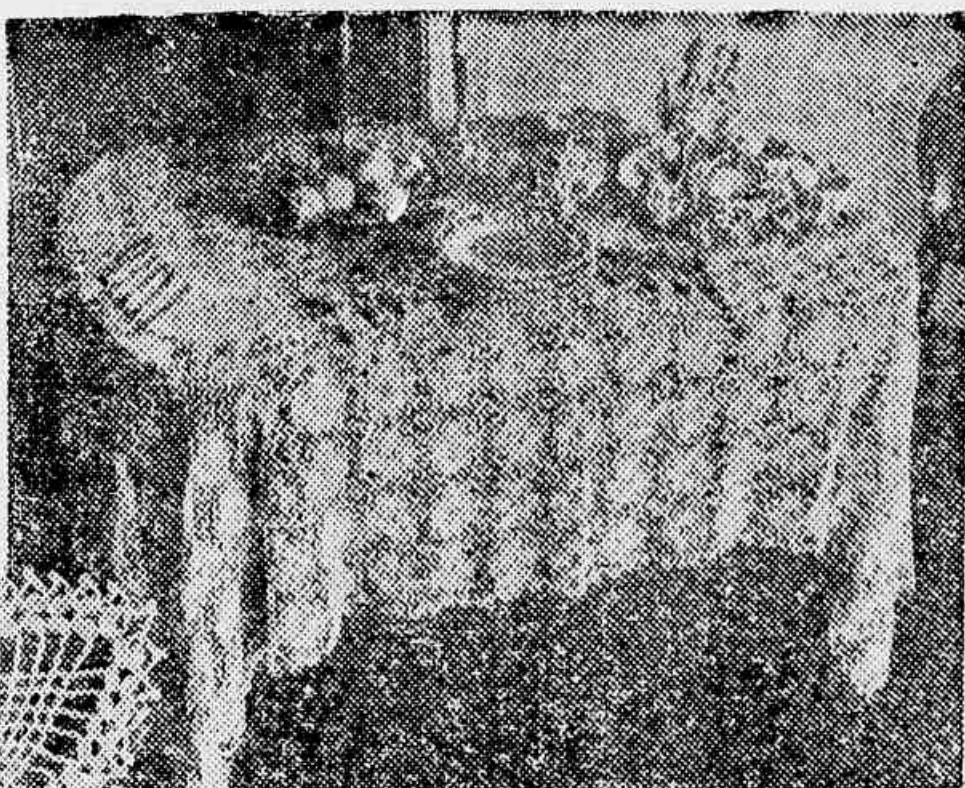
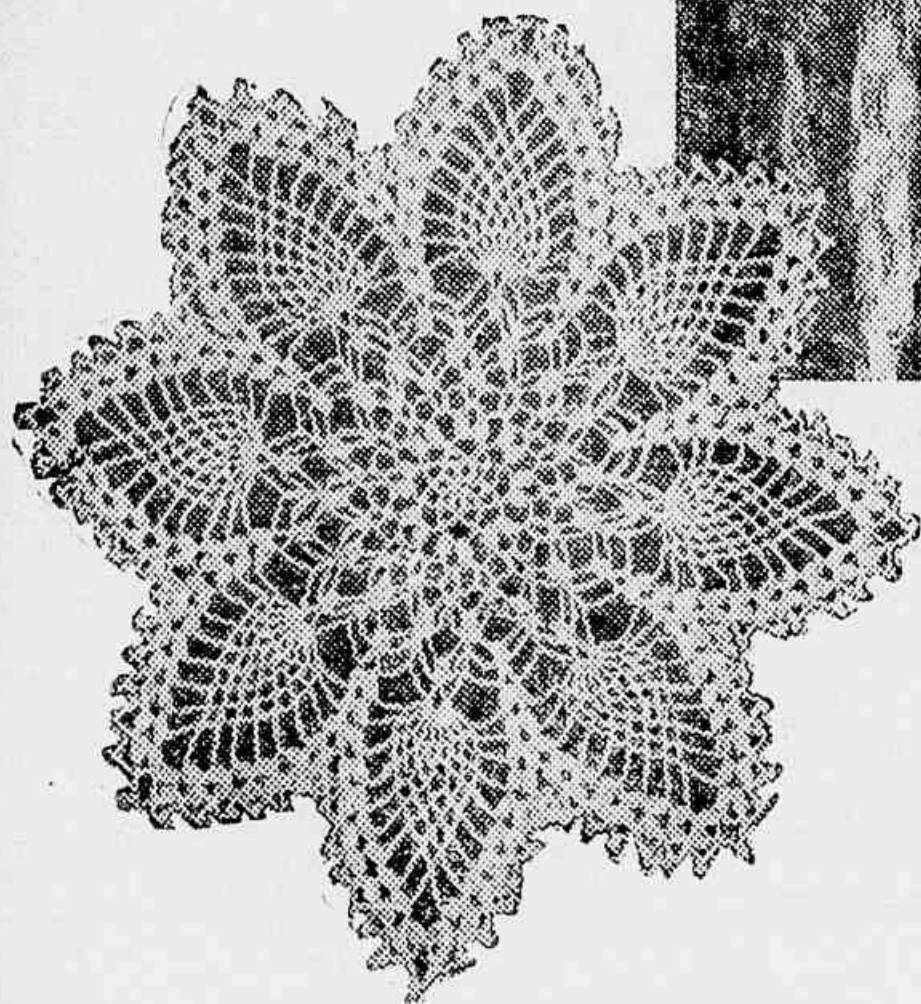
Nossas representantes nos Estados

e infelizmente não foi ainda bem compreendida, pelas nossas representantes nos Estados a necessidade de pontualizar os pagamentos e saldar os débitos. Assim temos a honrar apenas nossas Uberlândia, Santos, Juiz de Fora, Bom Despacho e Rio Preto: as únicas que estão em dia com a nossa gerência.

O exemplo dessas grandes representantes e boas amigas deve ser imitado, pois só assim teremos MOMENTO FEMININO consolidado e fortalecido.

CROCHET

Veja, amiga, que linda sugestão para uma toalha de sua sala de jantar!



ASSINE

MOMENTO feminino

3 MESES . . . CR\$ 12,00
6 MESES . . . CR\$ 22,00
12 MESES . . . CR\$ 40,00

Pedidos para a Gerente

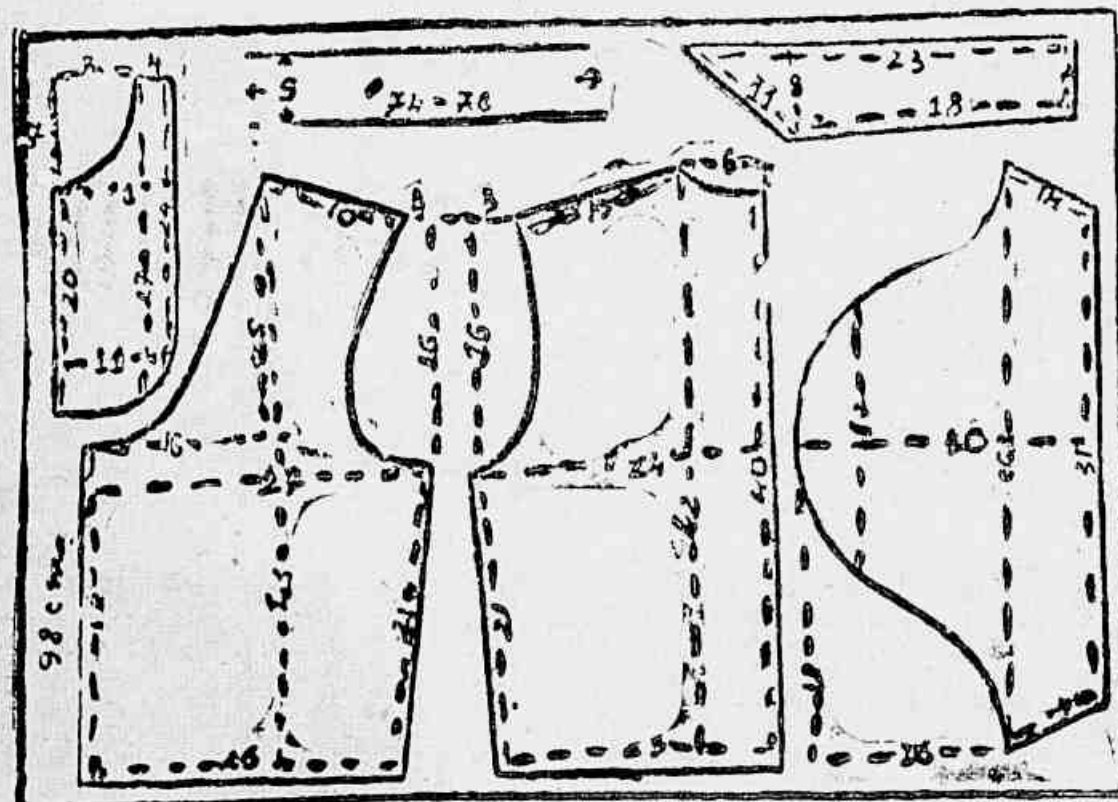
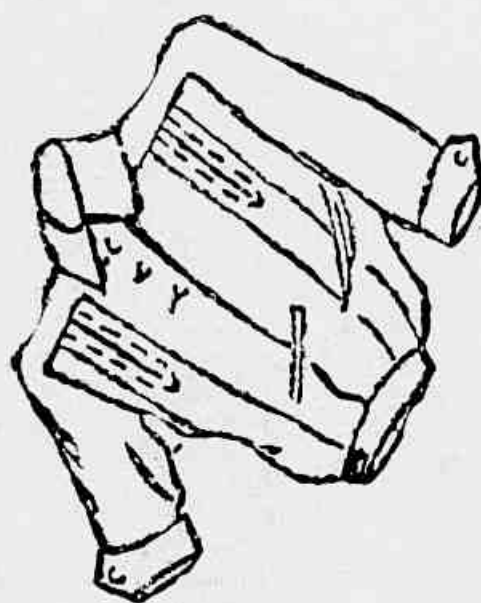
Luiza Regis Braz

Caixa Postal, 2013

RIO DE JANEIRO.

Blusas

Blusas elegantíssimas e de fácil confecção. O molde abaixo ensina como cortá-las e um só serve aos quatro modelos. Na de mangas compridas, tipo chemisier, a gola poderá ser fechada com uma gra-



vatinha preta já que a moda atual exige gravatinhas.

Lembrem-se que quatro blusas modificam inteiramente nossos tailleurs dando-lhe, em cada dia, um novo aspecto.

Use o molde e se houver dúvidas é só procurar a nossa redação.



Seus filhos precisam de seu exemplo

NICE FIGUEIREDO

Dissemos na última crônica que a mulher só não trabalha porque não quer. A primeira vista esta afirmação parece absurda, pois estaríamos esquecendo que existem muitas mulheres que querem mas não podem trabalhar.

As mulheres doentes permanentemente, as mulheres velhas, e as mulheres que procuram mas não conseguem encontrar trabalho que a satisfaça economicamente e corresponda às suas aptidões e aspirações.

Não esqueçamos estas mulheres porque não podemos negar uma realidade como a doença e a velhice que colocam tanto os homens como as mulheres na impossibilidade de produzir para a coletividade. Nem, tampouco, podemos afirmar, temerariamente, que as centenas de pessoas "sem emprego" não trabalham porque não querem.

Quisemos dizer que os argumentos apresentados para justificar a impossibilidade da mulher trabalhar fora de casa não são mais sustentáveis e, por isso, autorizam a nossa afirmação. Já analisamos um destes argumentos e hoje examinaremos outros para provar às leitoras que, de fato, a mulher, em geral, só não trabalha para prover a sua subsistência porque não quer, porque aceita sem discutir as razões que, há tempos, se vem repetindo sobre a mulher e suas finalidades, por conveniência ou ignorância, quando não é forçada pelas circunstâncias a pôr de lado essas razões e dedicar-se ao trabalho remunerado para garantir um parto de família.

Há, por exemplo, quem afirma que a mulher não deve trabalhar porque deve educar e cuidar dos filhos, além de cuidar da casa. Ora, nem toda a mulher tem filhos, ao contrário, o número das que têm diminui cada vez mais. Mas porque não querem, outras porque não podem. De sorte que a regra não pode ser aplicada a todas as mulheres. Seria absurdo que uma mulher sem filhos não pudesse trabalhar porque outras mulheres têm filhos para criar. Além disso, nenhuma mulher que vive, apenas, dentro de casa, executando trabalhos domésticos, pode educar um filho. Primeiro porque não tem contato com a vida, não participa dos problemas da luta pela vida, sente, apenas, os problemas da sua casa, da sua família e, portanto, não está apta para guiar o filho na escolha do seu destino. Educar uma criança não é mais que ensinar como se deve sentar à mesa e comer, cumprir visitas, nem tampouco ensinar as primeiras letras. A vida moderna difícil como é exige uma soma de conhecimentos intelectuais e sociais que só podem ser ministrados por pessoas convenientemente preparadas, em cursos, escolas, etc.

Demais, a função de educar cabe também aos pais e não somente às mães e, hoje, é uma função concreta e difícil. Exige, sobretudo, o exemplo. Uma criança que ouve sua mãe dizer que o trabalho dignifica e enobrece o homem, mas que a vê sempre sentada, a pentear-se, ou recostada em divãs incomodando as empregadas pelas mínimas coisas, não pode acreditar muito na necessidade do trabalho.

E a verdade é que poucas mães ficam em casa para educar seus filhos.

Para as mães que não têm empregadas e que fazem todo o serviço de casa, não sobra tempo nem para cuidar quanto mais para educar os filhos. Boas maneiras elas não têm, logo não podem ensinar.

Para as mães que têm uma empregada para cada filho, em geral, há sobra de tempo, mas para outras atividades como lanches, costureiras, reuniões elegantes, etc. E se tentam ensinar algo aos filhos o exemplo que dão de futilidade, de vida vazia e inútil é tão forte que desfaz o efeito das palavras.

Há outras mães que não vão a reuniões elegantes nem fazem muita coisa em casa mas que precisam, muito mais que os filhos, de serem educadas e orientadas.

Agora, pergunte-se a mulher que trabalha, que estuda, que aprendeu a se defender e a enfrentar a vida, que sente os problemas da sua classe, que conhece as alegrias e sofrimentos dos outros, pergunte-se a esta mulher (que trabalha porque ama o trabalho e não a que está ansiosa para casar ou tirar a sorte grande e deixar o emprego) se ela não se sente mais capaz de orientar o seu filho evitando que ele sofra o que ela já sofreu, ensinando a aproveitar as boas oportunidades, desenvolvendo o espírito de solidariedade nesta criança, ao invés de conservá-la egoisticamente agarrado às saídas. Estes ensinamentos a mulher só aprende na prática da vida e as crianças só aceitam se os vêem praticados, se crescem numa atmosfera em que todos produzem para si, para a família e para a sociedade. E como é muito mais importante ensinar a um filho como ele pode e deve viver do que ensinar se ele deve ou não beijar a mão de uma senhora, se deve ficar do lado de dentro ou do lado de fora da calçada, quando sai com uma senhora, não se justifica que uma mulher porque é mãe não deva trabalhar, se ela precisa, antes de mais nada educar-se e se não há melhor escola que o trabalho para educá-la e torná-la capaz de educar seus filhos.

TRATAMENTO DO CASAL ESTERIL
CLÍNICA E CIRURGIA DE SENHORAS

DR. CAMPOS DA PAZ FILHO

Ginecol. da CAP da Light — Laureado pela Academia Méd. — Consultas com hora marcada — Edifício Carioca, sala 218 — às 16 horas — Tel. 42-7550



O MORRO DOS PRAZERES

NORMA LILLIAN

Quem vai a Sta. Tereza a bela cidadezinha planalto, não pode imaginar que após andar uns quinze minutos de bonde entre os mais belos edifícios, descortinando o mais lindo dos panoramas, encontrará ao apagar, no cruzamento das ruas Joaquim Murinho e Almirante Alexandrino, tendo à esquina o magnífico edifício Raposo, o morro dos Prazeres, uma das nossas favelas, problema que aflige diariamente, tanto os moradores como às autoridades.

Resolvemos, então ir até lá para colher pessoalmente impressões de

seus diversos moradores, sobre a questão de acabarem com as favelas voltando eles para o interior, e eis, meus amigos, o que conseguimos.

Ao sairmos do bonzinho dirigimo-nos a uma senhora de cor que caminhava acompanhada de uma menina levando à cabeça um feixe de lenha, e perguntamos:

— Minha senhora, pode nos informar qual o caminho para o morro dos Prazeres?

— Sim, moça, eu vou p'rá lá. E onde moro, se a senhora quiser me acompanhar...

Seguimos e fomos conversando, explicando que éramos do jornal MOMENTO FEMININO, estávamos ali para colher impressões dos moradores daquela favela, e que gostaríamos de lhe fazer algumas perguntas. Ela aceitou e respondeu:

— Meu nome é Maria Joana, moro aqui há dois anos. Não trabalho fora porque estou criando esta menina que tem 9 anos e não tem mãe; ela carrega lenha e me ajuda nos trabalhos domésticos. É a minha Maria Aparecida. Moram comigo também, meu marido e meu filho de vinte e sete anos, que trabalha como pintor em Cascadura.

— A senhora gostaria de voltar ao interior? perguntamos.

— Não gostaria não, moça, — nos respondeu ela, e acrescentou: — Lá eu cosinhava para duas famílias ganhando somente Cr \$24,00 mensais. Depois que perdi meus pais nada mais me interessou. Então resolvi vir para a cidade e cá estou mais satisfeita, apesar de lutarmos muito mais, mas todo pobre tem que trabalhar, e o trabalho aqui me é mais fácil.

Dirigimo-nos a outra senhora que mora junto de D. Maria Joana e às nossas perguntas, respondeu:

— Meu nome é Maria Gomes Sampaio de Campos, tenho 2 filhos. Vim de Sampaio Corrêa. Estou no Rio por causa da educação de meus filhos, pois no interior não há escolas, mas gosto mais da largueza da roça. Meu marido não quer voltar dizendo que lá morrerá a mingua, a pobreza aqui é melhor. Não há a subjugação da fome.

Adiante uma senhora nos respondeu que viera do Estado do Rio, que lá eles trabalhavam na roça, na enxada por toda uma semana e ganhavam somente Cr\$ 6,00. As vezes lhes davam um chapéu de palha, um prato de comida, por dia de trabalho. — “Eu consegui aprender corte e aqui estou satisfeita, mais do que lá, porque apesar de termos a farmácia lá no largo Guimarães, e a Legião B. A. na rua Riachuelo, 47, nós temos esperanças de que quando ficarmos doentes temos algum socorro e lá na roça não.

Visitando uma outra casa mais adiante onde fomos recebidas por D. Dalva, que amavelmente nos ofereceu uma cadeira, entramos e conversamos:

— Estou aqui no Rio há 8 anos, e não gostaria de voltar para o interior, pois sei que eu, meu marido e meus filhos morreríamos de fome. Se lá eu tivesse o direito de ter minha casinha, minha horta, minha ou uma rosal. Mesmo na fazenda eu não sairia de lá, mas é que o gado não deixa plantação nenhuma, não se pode fazer cêrca nas fazendas dos outros, e os fazendeiros, nossos patrões nos pagam pouco.

A sogra de D. Dalva que nós ouviamos, interveio e nos declarou o seguinte:

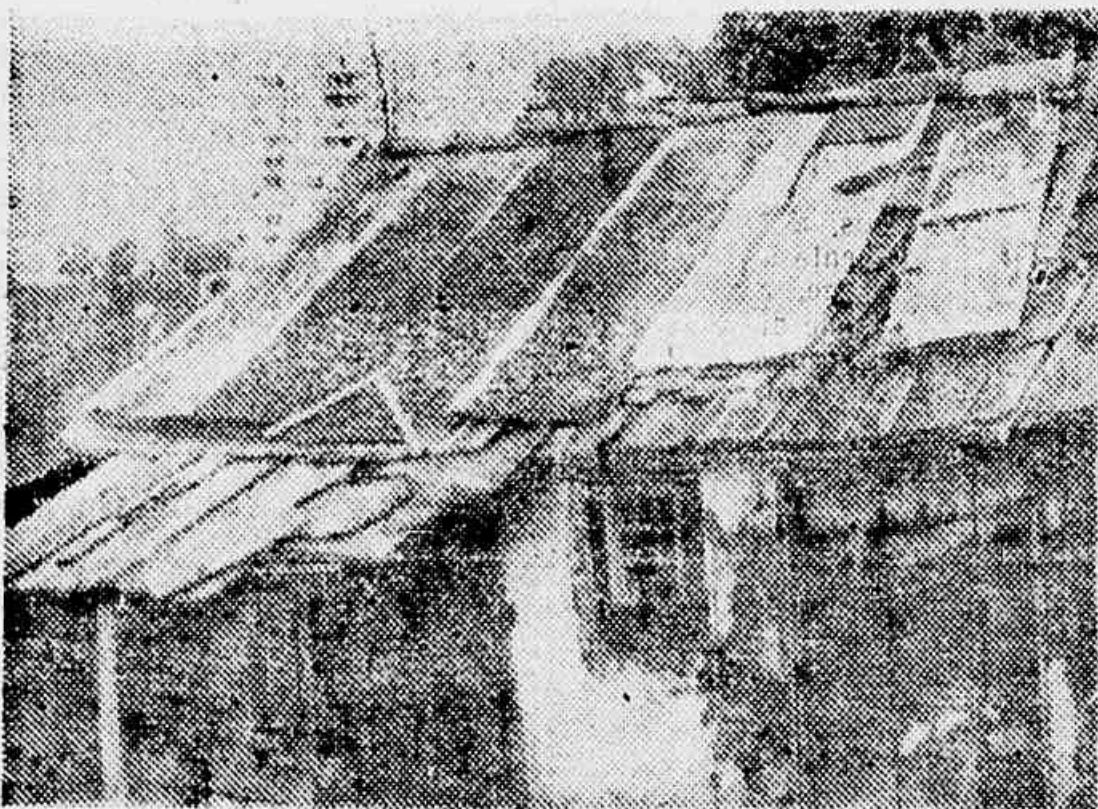
— Desde que começaram a cortar a cana e plantar algodão que “Nativi-

dade de Carangola” começou a mandar gente sua p'rá cidade. A fome e a doença é negra, moça, nós pobres não temos preguiça de trabalhar, se o patrão ajudasse, pelo menos quando estivessemos doentes atá voltarmos ao trabalho. Eu vi um vizinho meu e seu filho morrerem sem ter socorros médicos, porque os doutores de lá só atendem aos patrões ricos que podem pagar e nós eles não atendem. Por isso é que estou aqui. Minha nora trabalhava de sol a sol para ganhar uma miséria. O coador de café ficava semanas e semanas pendurado criando mófo por não termos açúcar. Olhávamos para os outros e víamos tudo sem roupa, com as cozinhas vazias. Quando minha nora estava de resguardo, comia apenas mingau de farinha. É triste a fome e a doença na roça, moça, sem termos auxílio lá distante, no meio do mato.

Perguntámos se ela gostaria de voltar ao interior:

— Costaria sim! mas só se o Governo nos auxiliasse dando-nos escolas para nossos filhos, médico, ajuda na lavoura, embora nós pagássemos com o trabalho. Só assim é que poderíamos voltar para o interior, e só assim estaria resolvido o problema das favelas.

Sim, só depois de construírem hospitais e escolas no interior, embora uma em cada município, mas que chegasse para socorrer os lavradores, é que se poderia falar em acabar com as favelas. As autoridades competentes têm de ajudar aos lavradores, dando-lhes ferramentas e sementes, que eles pagarão com o trabalho. Só assim os pobres voltarão ao interior, e para lá voltando, haverá maior produção, em favor da população Brasileira.



VOCÊ NECESSITA DE ASSISTÊNCIA GRATUITA PARA SEU FILHO?

PROCURE OS SEGUINTE LOCAIS:

HOSPITAIS INFANTIS — Instituto Fernandes Figueira — Av. Rui Barbosa, 716. Hospital S. Zacarias — Rua Carlos Peixoto, 124. Hospital Jesus — Rua 8 de Dezembro, 12. Hospital I Missão da Cruz — Rua Pedra do Sal, 33-37. Hospital I, José Carlos Rodrigues — Rua Miguel de Frias, 234; Escola Hospital Oscar Clark — Rua General Canabarro, 393. Hospital Neuro-Psiquiatria Infantil — Rua Bernardo, 2. Hospital I, da Colônia Juliano Moreira — Est. Rodrigues Caldas.

POSTOS DE PUERICULTURA — De acordo com seu bairro procure os postos às seguintes ruas: — Riva-davia Correia, 188 — Relação, 1, sobrado — da Estrela, 36 — do Catumbi, 78 — Dona Guilhermina, 34 — Alice, 40 — Toneleros, 292 — Constante Jardim, 8 — Jardim Botânico, 187 — General José Cristino, 87 — Ana Neri, 181 — Vitor Meireles, 63 — Amaro Cavalcanti, 1.611 — Senador Dantas, 15, 8.º andar.

NICE FIGUEIREDO

ADVOGADA

Esc.: Av. Pres. Antônio Carlos, n. 207 — S/302-A
— Telefone 25-0347 —



GRATOLOGIA



Darcy G. Leite, nossa jovem amiga de Vitória

ROMANINHA

VITÓRIA — Sua capacidade de raciocínio está controlada, você pensa sobre medida e precisa libertar-se desse controle que a diminui. Poderá chegar a mais completa autonomia mental se estudar convenientemente. Seu espírito é claro e franco. Tem muita delicadeza moral, sensibilidade artística e bom senso. Romântica e apaixonada, a beleza masculina a entontece e como tem sofrido por isso!

JUJÓ

RIO — Sua letra demonstra que você vive num incessante fluxo-refluxo de emoções, e pensamentos. Você quer pensar de um modo, mas as influências que a cercam instilam sugestões diversas e você fica numa confusão horrível. Deseja libertar-se. Quer pensar por si só, logicamente, objetivamente, mas não pode. Não tem apoio para a sua sede de conhecimento, nem fonte pura em que se satisfaça. Vive preocupada com fantasmas, com absorventes tragédias do outro mundo, com influências nocivas e imponderáveis. Procure libertar-se e encontra o caminho da paz. Leia livros científicos e menos fantásticos e verá o novo panorama que se descortinará aos seus olhos. É muito amável e simples. E sonha com um amor sublime...

consequências. Parece que tudo indica que o mundo está sob um mar de fogo, realmente, mas o futuro há de ser belo e risonho como você, caríssima leitora. Não tenha dúvida. Sua letra indica versatilidade, maleabilidade, fraqueza de pontos de vista. Mas também tem traços de resistência, de sinceridade e ansia de progresso. É caprichosa e econômica, tem tendência artística e uma grande força de vontade. Vive, entretanto, muito presa, cercada por alguém que a domina despoticamente e tem por isso uma grandia ansia de libertação...

BIRIBA

RIO — Vaidade em alto grau. Egoísmo. Complexos de supe-

rioridade. Inteligência, vida calma e feliz, sem alternativas, sem aborrecimentos. Confiância na felicidade. Delicadeza e simpatia.

PSEUDÔNIMO

RIO — Uma linha só, é muito pouco! Além disso não assinou. Não leu as instruções? Pois então, leia e volte.

ETTELZA AULIS

NITERÓI — Você é muito cuidadosa com tudo o que lhe pertence. Muito ajuizada, nada vaidosa, mas caprichosa consigo. É inteligente e deve estudar muito para aproveitar essa inteligência. É boa e delicada. Sua tendência é doméstica e será uma excelente dona de casa e ótima esposa.

A LETRA REVELA A PESSOA!

PEÇA UM RETRATO GRAFOLOGICO

Nome

Pseudônimo

Inclua uma página manuscrita em papel sem pauta.

Remeta para a Caixa Postal 2013, "MOMENTO FEMININO" — RIO DE JANEIRO

SOLANGE GETTE DE ARAUJO

RIO — Ternura. Bondade e delicadeza. Inteligência normal, sem grandes ambições de avanço. Sereidade, confiança e satisfação plena.

ESPERANÇA

RIO — Melancolia. Preocupação. Doçura de sentimentos. Método e disciplina. Misticismo. Romance e Sentimentalismo são os seus principais pendores. Talvez tenha tendência literária e artística. É muito afetiva e sincera. E tem um grande senso de responsabilidade.

FIGARO

— Este moço é muito teimoso. Extremamente rígido nos princípios que adota e muito pouco cordato. Nada de generosidades. Mas, quando cisma em perseguir alguém, coitado desse! Inteligente e culto, sua tendência é para os assuntos econômicos sentindo-se também atraído para a política, o direito, o jornalismo. Além disso é um esteta. Tem um refinado senso estético. Mas é um terrível adversário...

FLOR DE LIZ

RIO — Sou obrigada a declarar que esta Flor de Liz é Phylionilla, de vez que no último número tivemos outra Flor de Liz. Sua letra diz que você é muito ativa, muito observadora e capaz de tirar conclusões estupefacentes da sua observação. Quase uma Sherlock. Todavia, é bem criteriosa e sensata, e se conduz com inteligência bastante para evitar choques por causa desses resultados. É muito independente, apesar de simular uma absoluta submissão às imposições circunstanciais. É discreta e calma. Detesta os escândalos mas sabe atemorizar aqueles que provocam a sua ira. Enérgica e destemerosa, é uma mulher que sabe defender seus direitos.

MARIA ANTONIETA

RIO — Desenvoltura e ansiedade. Senso de responsabilidade. Vaidade. Ambição. Desconfiança e decisão. Tendência musical, por excelência. Mas apostou que tanto gosta do samba como da rumba, das sonatas ou rapsódias como dos noturnos e baladas... Aprecia a boa leitura de sentido prático. E sabe lutar honestamente pelas suas reivindicações.

ELIZA

RIO — Nervosismo. Ansiedade. Inquietação mental. Curiosidade e ambição de progresso intelectual. Saúde abalada ligeiramente. Sentimento profundo que a magoa, uma saudade ou uma ingratidão. Muita ternura e delicadeza de sentimentos.

RIZONHA

RIO — Advinhar o futuro é coisa impossível, mas prevê os acontecimentos históricos pelo exame analítico das sucessões é coisa muito fácil para os que tem apurado o conhecimento científico dos princípios e das

Verminose nas crianças

ELINE MOCHEL MATOS



Pode acontecer que, em determinado momento uma criança peca o apetite, torne-se pálida, emagreça apresentando, por vezes, vômitos ou dores de barriga. É bem possível que se trate de uma verminose, se bem que estes sintomas não sejam obrigatórios. De uma verminose massiva podem sobrevier sérias complicações, como crises convulsivas do tipo epilético, complicações biliares ou pulmonares.

Há quem encare a verminose na criança como coisa banal... No interior do país, principalmente, os pais já se acostumaram a ver seus filhos atacados de vermes e a morrerem disso. Tal é o lamentável estado de abandono em que vive a grande população do nosso interior, sem um mínimo de assistência à saúde, muitas vezes morrendo à mingua, sem recursos médicos embora todo ser humano tenha direito a essa assistência. Mas essa pobre gente fica jogada ao lado da ordem das coisas e por isso já diz com certa convicção que "loda criança tem vermes" como se isso fosse obrigatório para essas infelizes criaturas. Não percebem os pais que a verminose mina o organismo enfraquecendo as defesas orgânicas pela desnutrição, pela intensa anemia que às vezes se manifesta, podendo levar até à tuberculose.

Mas, se por um lado há esta incompreensão, por outro existe o exagero de certas mães, que mal supõem que seu filho tem vermes, logo lhe aplicam remédios, sem nenhuma orientação, cometendo, assim, um grave erro e pondo em perigo a vida da criança. É que as substâncias que têm ação sobre os vermes são substâncias altamente tóxicas cujas doses deverão ser rigorosamente dadas de acordo com a idade e o estado geral do doente.

Assim sendo, se uma criança apresenta certos sintomas que nos fazem desconfiar de vermes, a primeira coisa a fazer é um exame de fezes para confirmar a presen-

ça de ovos do parasita. Em muitos casos, este exame torna-se desnecessário, visto que a criança expulsa o verme. Então, deve-se procurar logo um clínico infantil para fazer o tratamento e nunca fazer por conta própria.

O verme que mais ataca as crianças é o oxiurus. Os movimentos desse parasita, que por sinal é bem pequenino, provoca uma intensa coceira na região anal, chegando a perturbar o sono, que se torna muito agitado. Esses vermes chegam a sair pelo orifício anal onde podem ser apanhados. É aí que eles depositam os ovos. As crianças, levadas pelas coceiras, apanham os ovos nas unhas e involuntariamente levam à boca. Estão, portanto, em constante contaminação. É importante, neste caso, o asseio das mãos, principalmente antes das refeições.

Além do oxiurus outro verme comum é o ascaris (lombriga). As crianças se contaminam engulindo os ovos que vêm com legumes e frutas mal lavados ou brincando com terra. Também o processo de contaminação é através as unhas, levadas as mãos à boca.

Uma criança cheia de lombrigas pode ter a barriguinha enfiada, ficar sempre anêmica, ter sono agitado e o célebre "ranger dos dentes". Às vezes vomita e se queixa de dor de barriga, e em casos mais graves é acometida de ataques convulsivos.

Finalmente, outro verme mais raro é a tênia (solitária), cujo tratamento requer maior cuidado.

Em relação ao tratamento da verminose infantil temos que ver a idade, o peso e o estado geral da criança. Por isso, mais uma vez lembramos que nenhum tratamento deve ser feito sem uma boa orientação. Nas crianças de pouca idade (até 5 anos), não é aconselhável dar vermífugo. Deve ser feito um tratamento geral na base de cálcio e vitamina C, ferro e extrato de fígado; alimentação farta e sadia. O fundamental aqui é combater a anemia. No caso do oxiurus, as crianças devem ser lavadas com água e sabão pela manhã e toda a vez que evacuarem.

Em geral os vermífugos são os mesmos, quer para o ascaris, quer para o oxiurus. São feitos na base do óleo essencial de quenopódio, tetracloreto de carbono e a santonina. No mercado existe uma grande variedade (Panvermina, Vermiol, Cristoids, Abrol, Selemmin).

Podem exigir dieta um dia antes e precaução nas doses. Depois de um tratamento convém fazer novo exame de fezes como também uma medicação com ferro, extrato hepático e vitamina C.

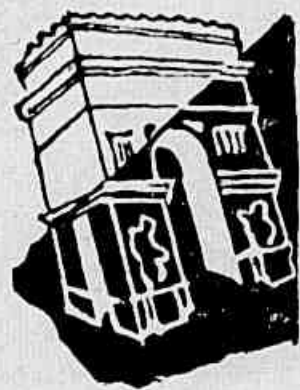
* Consultório sentimental *

MARIASINHA (Rio) — "Como saberei se estou amando, realmente? Um problema sério da nossa juventude. Centenas de megas, só muito depois, constata o engano cometido. Muitas vezes confundem uma boa camaradagem ou uma amizade fraternal com o amor. É preciso que você mesmo, Mariasinha, responda a pergunta que faz. Apenas, procurarei ajudar. Não existe bem uma definição para o amor. O amor sente-se. E sentirá você, pelo rapaz, esse mundo de emoção, feito de ternura e desejo? E longe dele, como você se sente? Você gostaria de tê-lo, sempre, ao seu lado? Mas, há outras coisas que contribuem para que essa emoção seja duradoura, para que esse sentimento não seja, somente, uma chama que amolece ou se apague, ao primeiro sopro de desentendimento. Os dois devem enxergar a vida pelos mesmos olhos. De outra maneira, os choques sobrevirão. É claro que, muitas vezes, não pode haver uma identidade tão completa, no período de adaptação. Porém, estariam um e outro dispostos a discutir, honestamente, o assunto e aceitarem a conclusão mais lógica e racional? Chama-se a isso compreensão. Quando entre os dois não há segredos, nem dissimulação. Agora, sou eu quem pergunta: será que você está amando, realmente, Mariasinha?

LUCIA MARIA (Rio) — "Estou, completamente, desiludida dos homens". Completamente? Está profundamente errada a sua reação diante de um desengano amoroso. Nem todos os homens são maus. Você se decepcionou com um homem. E há milhões, por aí... Quantos homens não existirão decepcionados com as mulheres?! É difícil, na verdade, principalmente quando se está sofrendo, ver a realidade do acontecimento. Se esse homem compreendeu que não a amava, o mais justo, embora pareça cruel, era o afastamento, depois de uma explicação. Agora, Lucia Maria, examine o leitinho se você gostava dele. Em casos como esse, entra mais o amor próprio do que o amor puro e simples. Não posso dizer a você que não sofra. Mas, posso dizer que reaja contra o sofrimento, que deprime e que não constrói. Todos nós passamos por essa crise. E, às vezes, até nos tornamos mórbidos. O importante é procurar uma porta de saída. Procure amizades, camaradagem, diversões. Procure ocupar-se das múltiplas questões sociais. Há homens bons. E você mesma sabe que as mulheres exercem grande influência sobre os homens. Sobre as ruínas de um amor, levanta-se, muitas vezes, o grande monumento de outro. A nossa concepção romântica (a minha também é) rebelde-se contra isso, mas os fatos confirmam. Você há de encontrar o seu amor, um grande amor, posso assegurar.

FADA AMOROSA

A Federação Democrática Internacional de Mulheres e a ONU



problemas que dizem respeito à mulher, aos seus direitos e deveres. Depois do relatório apresentado pela sra. Françoise Leclercq, delegada observadora da F. D. I. M. sobre os tra-

balhos da "Comissão das Condições da Mulher" no Conselho Econômico e social da O. N. U., o Comitê Executivo constatou, conforme se lê nas resoluções:

— que as delegadas dos governos dos Estados Unidos, Inglaterra, França, Dinamarca, Índia, China, Síria e América Latina não assinalaram o estado de desigualdade em que se encontram as mulheres de muitos países e não reclamaram sejam outorgados à mulher direitos iguais aos dos homens em todas as escalas da vida política, social e econômica. Pelo contrário, essas delegadas esconderam a situação verdadeira das mulheres e defenderam o "statu quo" em seus países.

Sabe-se que as operárias inglesas lu-

tam por igualdade econômica; mas a delegada da Inglaterra declarou-se contra a aplicação, para as mulheres, do princípio "para trabalho igual salário igual", sob pretexto de que as mulheres inglesas não reclamam uma remuneração igual a do homem porque isso traria consigo a inflação.

A delegação da França considerou que as mulheres de seus países não têm nenhuma razão em reclamar melhores condições de vida. E, ainda mais, essa delegada propôs "o serviço cívico feminino obrigatório" nos países em que existe serviço militar obrigatório. Essa proposta não só tornaria pior a situação das mulheres como também as obrigaria a trabalhar sem remuneração. E perguntamos: Essa proposta não prevê a eventualidade de uma nova guerra e a necessidade do trabalho obrigatório das mulheres durante a guerra? Não significa que em vez de lutar pela paz e a segurança das nações, prepara-se uma nova guerra?

Apesar do estado extremamente atrasado e do analfabetismo de quase a totalidade das mulheres da Índia privadas de todos os direitos sociais, a delegada desse país procurou explicar que a discriminação entre homens e mulheres não existe em seu país.

As intervenções da delegada da F. D. I. M. que é a verdadeira defensora dos interesses das mulheres foram reduzidos ao mínimo e até desfiguradas pelas notas da Comissão.

Esses fatos provam que as delegadas dos referidos países à Comissão da Mulher, não exprimiram de nenhum modo os interesses das mulheres de seu próprio país nem os das mulheres do mundo inteiro.

* RADIO *



Waldemar Galvão, o simpático locutor da Rádio Nacional

Casa São João Batista

IRMÃOS SKURNIK

FILIAL:

Rua Voluntários da Pátria, 258

Tel. 26-6124

MATRIZ:

Rua Voluntários da Pátria, 277/279

Tel. 26-7225

Armarinho — Fazendas — Modas — Cama e Mesa —
e Casimiras — Roupas para Crianças

RIO DE JANEIRO

TRATAMENTO DO CASAL ESTERIL
CLÍNICA E CIRURGIA DE SENHORAS

DR. CAMPOS DA PAZ FILHO

Ginecol. da CAP da Light — Laureado pela Academia
Med. — Consultas com hora marcada — Edifício Carioca,
sala 218 — às 16 horas — Tel. 42-7550

LUIZ WERNECK DE
CASTRO

ADVOGADO

Rua do Carmo, 49 - 2.º -

Sala 2. — Diariamente, de
12 às 13 e 16 às 16 horas.

Exceto aos sábados

— Fone: 23-1054 —

vasta artilharia de pitetos e sorrisos sob seu comando. Mas ele não tinha apenas eterno bom humor e trato agradável. A ligeira mostra de frenética suscetibilidade que lhe escapara no primeiro encontro com Tom, era sintoma de um sempre reprimido mal-estar mental, produzido em parte pela irritabilidade dos seus nervos, em parte pela funda amargura alimentada pela certeza da própria deformidade. Nesse transe de suscetibilidade cada olhar lhe parecia carregado de piedade ofensiva ou de aversão, ou, pelo menos, um olhar indiferente. E Felipe sentia a indiferença como uma criança de clima tropical sente o ar cortante de uma primavera em país frio. O estouvado apadrinhamento de Tom, quando saíam juntos a passeio, muitas vezes fez Felipe investir quase selvagememente contra o companheiro, e então seus olhos, em geral tristes e parados, brilhavam com fulgor diferente. Não era pois de espantar que Tom mantivesse a sua opinião a respeito dos coreundas.

A habilidade de Felipe para o desenho era outro laço entre os dois rapazes. Desgostoso, Tom percebia que o seu novo professor da matéria não o mandava fazer cachorros ou burros, mas pontes quebradas e rusticas, ou então ruínas, recobertas de macia camada negra de limo, e então ruínas, recobertas de macia camada negra de limo, a indicarem que a natureza acabava tudo. E como a noção de Tom, a respeito de paisagens pitorescas, ainda era latente, — não é de surpreender que as produções do sr. Goodrich lhe parecessem uma forma de arte sem qualquer interesse. Tinha o sr. Tulliver a intenção de colocar o filho num ramo que incluísse o desenho de plantas e mapas, e por isso se queixara a Riley, que encontra em Mudport, de que Tom não estava aprendendo nada desse assunto. Dai o competente conselho para que se dessem lições de desenho ao rapaz, pois o sr. Tulliver não se incomodava de pagar aulas extraordinárias de desenho para Tom ficar bom desenhador de plantas, e poder manejar o lápis em qualquer terreno. Resolheu-se que Tom devia aprender essa arte. E quem poderia Stelling escolher para professor, senão o Sr. Goodrich, considerado o mestre de sua profissão doze milhas em redor de King's Lorton? Assim foi que Tom aprendeu a fazer uma ponta bem fininha no seu lápis e a representar as paisagens com largueza; o que, na sua rigorosa tendência para os detalhes, o rapaz julgava extremamente tolo.

Tudo isso, é bom lembrar, aconteceu naquela época sombria em que não havia escolas especializadas, antes dos professores serem invariavelmente homens de escrupulosa integridade, e de todo o clero ter espírito largo e cultura variada. Nesses dias menos favorecidos é certo que havia clérigos, fora o Rev. Stelling, de mente acanhada e necessidades ilimitadas, cujas rendas, por uma confusão lógica que não é estranha à Fortuna, que é mulher e é cega, não eram proporcionais às necessidades e assim às inteligências, com as quais, é claro, as rendas não têm relações inerentes. O problema que esses cavalheiros tinham pois de resolver, era o da adaptação da proporção entre as suas necessidades e a sua renda, e como as necessidades não podem ser condenadas à morte, a única solução parecia a de aumentar as rendas. Por isso só havia um meio: qualquer dessas profissões modestas em que os homens são obrigados a trabalhar muito e ganhar pouco, eram proibidas para os clérigos. E como se lhes atribuir culpa, se o seu único recurso era exigir, em troca de pouquíssimo trabalho, um alto preço? Depois, como poderia o senhor Stelling saber que instrução era trabalho delicado e difícil? Ao

trar a Felipe que era melhor não se fazer de esperto com ele. Atravessou de repente a sala, e olhou para o papel de Felipe:

— Oh! É um burro, com costas — e aqui um cachorro com perdzes, no meio do trigo! — exclamou ele, perdendo a falta, de surpresa e admiração — Puxa! Tomara eu desenhara assim! Vou aprender desenho neste semestre — e será uma beleza se aprender a fazer cachorros e burros!

— Ora, você pode fazer sem aprender, disse Felipe. — Eu nunca aprendi desenho...

— Nunca? admirou-se Tom: — Pois quando eu faço cachorros e cavalos, ou qualquer coisa, as pernas e a cabeça não saem direitos, apesar de eu saber muito bem como é que eles são. Sei fazer casas, e toda espécie de echaminés, — chaminés que vêm até em baixo, na parede, janelas no telhado, etc. Talvez eu pudesse fazer cachorros e cavalos, se treinasse mais! — acrescentou, temendo que Felipe pudesse supor que ele estava entregando os pontos ao falar muito francamente sobre os erros que cometia.

— Ah, pode! afirmou Felipe. — É muito fácil. É só olhar bem para as coisas e desenhá-las uma porção de vezes. O que você errar uma vez, pode corrigir na outra.

— Mas você nunca precisa aprender nada? Indagou Tom, com a remota suspeição de que o defeito da espinha de Felipe podia ser uma fonte de notáveis faculdades: — Eu pensei que você tivesse estado na escola muito tempo.

— Sim, tornou Felipe, sorrindo: — Aprendi latim, grego, matemática, a escrever, e muitas outras coisas...

— E? Eu acho que você também não gosta de latim, não? — inquiriu Tom, baixando a voz, confidencialmente.

— Gosto, sim. Mas não ligo muito para ele.

— Com certeza você não chegou ao "Própria que maribus", duvidou Tom, pendendo a cabeça de lado, como se dissesse "essa é a questão: latim é muito fácil até chegar a esse ponto".

Felipe sentiu uma certa pena pela ignorância desse rapaz bem construído e ativo. Mas polido por sua extrema sensibilidade, como pelo desejo de conciliar, ele achou melhor rir-se, e disse gentilmente:

— Só aprendi gramática; não fui adiante.

— Então você não vai ter as mesmas lições que eu? estranhou Tom, meio desapontado.

— Não, mas se puder hei-de ajudá-lo. Teri muito prazer nisso. Tom não agradeceu, absorvido na impressão de que o filho de Wakem não era tão aborrecido como esperava.

— Diga-me uma coisa, tornou ele, afinal: — Você gosta de seu pai?

— Claro! respondeu Felipe, corando fortemente: — Você não gosta dos seus?

— Gosto, sim. Mas eu só queria saber, — explicou Tom, envergonhado da pergunta, percebendo que Felipe corara e ficara incomodado. Achava muito difícil ajustar a atitude do seu espírito à do filho do advogado Wakem, e ocorrera-lhe que se Felipe não gostasse do pai isso serviria para facilitar o caminho que os separava. Mas procurou mudar de assunto:

— Você vai continuar a aprender desenho, aqui?

— Não. Meu pai quer que eu aproveite todo o tempo em outras coisas.

Na hora do almoço, se entramos nessas grandes casas comerciais, onde trabalham dezenas de moças, veremos um espetáculo bem diferente do que se costuma ver normalmente. Toca uma sineta e as comerciárias vão saindo. Outras correm depressa para trazer o uniforme a fim de almoçar em casa; outras seguem para uma sala desocupada a fim de desembrulhar a sua marmita... e outras ainda, seguem vagarosamente, sem vontade alguma de almoçar na miseravelmente pensão da cidade que vai servir comida sem gosto e pouco por 3, 9 e 10 cruzeiros.

As comerciárias precisam de um restaurante, do tipo do SAPS, onde possam se alimentar mais ou menos e pagar um preço razoável, que não abra um "prombo" tão grande nos seus já minguados salários. A fim de saber o que pensam as comerciárias a este respeito, fomos procurá-las. Encontramos em primeiro lugar na Expo-

As comerciárias querem um restaurante

De LÉA

seção, firma onde trabalham centenas de moças.

PENSAO, SANDWICH... OU NADA

— Ela, é a primeira comerciária que nos atende. Entregamos "Momento Feminino" e explicamos o objetivo de nossa visita.

— Eu almoço em casa. Tenho duas horas de almoço. Mas de qualquer forma acho que bem poderíamos ter o nosso restaurante. Assim não se precisaria correr tanto...

Em outro balcão, encontramos Alaide e Ma. Moura Costa. Alaide diz que mora muito longe e almoça numa pensão.

— Por 3,00 por refeição. Mas sempre se paga mais. Com gorgêta,

café, etc., sai por 9,00. E isso pesa no orçamento. Concorde 100% com a idéia do restaurante para as comerciárias. Aliás, tenho certeza de que aqui, todas as colegas estarão de acordo. Pode trazer o memorial...

— Eu trago marmita de casa. — diz Maria Moura Costa — mas não é sempre que eu almoço. Quando marmita não acaba cedo, não trazo comida e... eu como na casa de um tio, ou um "sandwich" nas Lojas Americanas... e outras vezes não como nada. Sabe, a comida estraga, principalmente no verão. Por isso contem comigo para o memorial. É uma ótima idéia.

PARA OS HOMENS, TAMBÉM

Na casa Lú, as comerciárias ganham salários que variam de 600,00 a 1.600,00. Os salários fixos variam de 450 a 300 cruzeiros, e têm comissão de 1%. No primeiro balcão, falam Edêia e M... Ambas almoçam em casa, mas nem por isso deixam de aprovar a idéia de um restaurante na cidade.

— Isso na Tijuca, diz Edêia e tenho que fazer um "bocado" de condução. As vezes vou de lotação, a fim de chegar atrezada. Como vê, o dinheiro gasto daria para pagar a refeição no SAPS. Mas se vocês falarem com as outras colegas verão que grande parte traz marmita ou almoça nas pensões da cidade. E temos certeza de que todas assinarão e trabalharão pelo Memorial.

Dessemos para a outra seção da Casa Lú e falamos com diversas comerciárias:

— Eu almoço em pensão. Pago 3,10 ou 15 cruzeiros para refeições. E ganho de 800,00 a 900,00 por mês. Uma boa parte do meu ordenado vai nisso. — declarou Ester Gomes. Po-

dem contar comigo para o memorial.

— Você pretende pedir um restaurante só para as mulheres? — perguntou Odália.

— Depende... pode-se pedir um restaurante misto cu só de mulheres.

— Bem, estou perguntando porque almoço com o meu marido. Ambos comemos numa pensão da cidade e pagamos cada um 6,50 por refeição. Na verdade é um preço antigo e barato, mas no SAPS seria menos atrativa. Pos o mesmo dizer que aqui, ninguém deixará de assinar o Memorial. A idéia é justa e estamos de acordo.

Não é preciso perguntar se...

Adelaide declara que almoça de marmita, e outras vezes na cidade. Mas que havendo um restaurante ajuda muito.

— Não é preciso perguntar se queremos um restaurante. É claro que sim. Contem conosco. Moro em Jacarepaguá e é impossível comer em casa com 1 hora e meia de almoço.

Emília Gomes, é menor e trabalha na parte de confeitarias. Lava os pratos e ganha 400,00 por mês.

— Como é pensão e pago 7,00 por refeição. Mas como o dinheiro é pouco, nem sempre almoço. Vou dando um jeito.

Irena de Souza, almoça em casa, ganha 600,00 e paga 300,00 de refeições.

— Costaria, sim, que tivéssemos um restaurante aqui por perto e que fosse barato... Isso é uma pergunta que não se faz. Estamos de acordo, todas nós.

O MEMORIAL

Soubemos que será organizada uma comissão que redigirá um Memorial, a fim de solicitar do Diretor do SAPS, um restaurante popular, possivelmente na Associação dos Empreendedores do Comércio. Mas isso não "entrará do céu", como se costuma dizer. É preciso que todas as comerciárias trabalhem para isso e que o memorial seja assinado por todas.

MOMENTO FEMININO quer ajudar as comerciárias, ouvindo a opinião de todas e com elas colaborando na medida do possível.



NO DIA 1º DE CADA MÊS LEIA

ESFERA

UMA REVISTA DE CULTURA E ARTE

COM UMA CHARGE DE DARCY:
«INTERPRETE COMO QUISER»

EM TODAS AS BANCAS DE JORNAIS

— Em que?! Latim, Euclides, negócios assim?

— E? — respondeu Felipe, que deixara o lápis e apoiava a cabeça numa das mãos, enquanto Tom, sobranceiras levantadas, contemplava com admiração crescente o cão e o burro.

— Você não fica aborrecido com isso? — indagou Tom, curioso.

— Não. Eu quero saber aquilo que os outros sabem. Depois, eu posso estudar aos poucos o que me agrada.

— Não sei para que é que todo o mundo aprende latim, disse Tom. É tão ruim!

— Faz parte da educação. Todo homem educado aprende as mesmas coisas...

— Qual! Então você acha que Sir John Craje, o dono dos galgos, conhece latim? duvidou Tom, que toda vida gostaria de se parecer com Sir John Craje. Só se aprendeu quando era menino... — respondeu Tom, sem intenção epigramática, seriamente satisfeito com a idéia de que por mais que o latim fosse considerado, não era essencial a semelhança com Sir John Craje. — A gente só tem de saber enquanto está na escola, mesmo que tenha aprendido muitas coisas de "Convenção". O sr. Stelling é que não pensa assim, sabe? Ele faz você repetir dez vezes, se disser "jam" por "jam", e não deixa dizer uma letra errada, posso lhe assegurar.

— Não me importo com isso, disse Felipe, sem conter o riso. — Nunca me esqueço das coisas. E há uma porção de aulas de que gosto muito. Gosto muitíssimo de História Grega, e tudo a respeito dos gregos. Seria ótimo, se eu tivesse sido grego e tivesse derrotado os persas, e depois voltasse para casa e escrevesse tragédias, ou fosse consultado por todo o mundo pela minha sabedoria, como Sócrates, e tivesse uma morte bonita! (Como se percebe, Felipe desejava impressionar o bárbaro bem constituído, com a sua superioridade mental).

— Os gregos não eram grandes lutadores? — indagou Tom, lançando as vistas nesta direção. — Na História grega há algum pedaço como Davi e Golias, ou Sansão?

— Oh, há muita história bonita assim sobre os gregos, sobre os heróis do tempo antigo que matavam animais selvagens, como Sansão. Na "Odisseia" — é um poema lindo — há um gigante mais espantoso que Golias, o Polifemo, que só tinha um olho no meio da testa. Ulisses, um rapazinho danado, pegou um tição em brasa e meteu-o no olho do gigante, fazendo-o urrar mais do que uma boadeira.

— Que engraçado! exclamou Tom, saltando de perto da mesa, e equilibrando-se primeiro numa perna depois na outra: — Diga, você pode me contar todas essas histórias? Porque eu acho que não vou aprender grego... Ou quem sabe se vou? — Ele parou o equilíbrio interessado: — Todo homem bem educado deve aprender grego? Será que o sr. Stelling vai me fazer estudar? Que é que você acha?

— Não, eu acho que não, absolutamente. Mas você pode ler essas histórias mesmo sem saber grego. Eu tenho todas elas em inglês.

— Não, eu não gosto de ler, e preferia que você me contasse. Só as de briga, sabe? Minha irmã Maggie sempre quer me contar histórias, mas só bobagens, como as histórias das meninas. Você sabe muita história de brigas?

— Ah, sei, afirmou Felipe. — Uma coleção delas, além das gregas. Posso lhe contar a de Ricardo Coração de Leão e Saladino, de

William Wallace, de Robert Bruce, James Douglas — nem tem fim.

— Você é mais velho que eu, não é? indagou Tom.

— Porque? Quantos anos você tem? Eu tenho quinze...

— Eu vou fazer quatorze. Mas eu vencerei todos os alunos do Jacó — a escola em que eu estava antes de vir para cá. E batia todos nas competições e nos saltos. Tomara que o sr. Stelling deixe a gente ir pescar. Eu ensino você. Pescar você pode, não é? E só ficar ali e sentar quando quiser...

A seu turno, Tom queria contrabalançar o ponteiro a seu favor. Esse corcundo não devia ficar pensando que seu conhecimento de velhas histórias de brigas o punham a par dum atual campeão de lutas, como Tom Tulliver. Felipe abespinnou-se com a alusão à sua dificuldade para os esportes ativos, e respondeu quase freneticamente.

— Eu detesto pescarias. Acho que os homens ficam feito bobos, sentados, segurando uma vara horas e horas, jogando a linha sem pegar nada.

— Sim, mas você não pode achar que eles pareçam lobos quando apanham um peixe, isto é que é! — retrucou Tom, que nunca tinha pescado nada de grande em sua vida, mas cuja imaginação entrou em cena, com zelo indignado pela honra do esporte. O filho de Wakem, era evidente, tinha coisas desagradáveis e precisava ser posto no seu devido lugar. Felizmente para a harmonia do primeiro encontro chamaram os rapazes para jantar e Felipe não teve oportunidade de desenvolver a sua opinião a respeito da pesca. Mas Tom dizia a si mesmo que dum corcunda só se podia esperar isso.

CAPÍTULO IV

'A jovem idéia'

O conflito de sentimentos do primeiro diálogo entre Tom e Felipe continuou a existir mesmo depois de muitas semanas de intimidade dos colegas. Tom não perdia a impressão de que Felipe, sendo o filho de um "malandro", era seu inimigo natural, e não dominava completamente a sua repulsa pela deformidade do outro. Era um rapaz que se apegava tenazmente à primeira impressão, pois como em todos os espíritos em que a mera percepção predomina sobre os pensamentos e emoções, o exterior das coisas para ele permanecia rigidamente igual. Mas não lhe era possível deixar de gostar da companhia de Felipe, quando estava de bom humor. Ele o podia ajudar tão bem nos seus exercícios de latim, encardados por Tom como uma espécie de quebra-cabeças que só se decifrava mesmo por sorte. E o rapaz sabia contar histórias tão maravilhosas a respeito de Hal de Wynd, por exemplo, e outros heróis que eram os especiais favoritos de Tom porque agiam sempre com atitudes rasgadas! De Saladino Tom fazia pouco, pois a sua cimitarra podia num relance cortar ao meio uma almofada: — mas de que é que valia cortar almofadas? Era uma história boba, que não queria ouvir de novo. Mas quando Robert Bruce, no seu cavallinho preto, alçou-se nos estribos e levantando o machado de combate abriu ao mesmo tempo o capote e a cabeça dos valentes cavaleiros de Bamock-bum, — Tom então sentiu exaltada toda a sua simpatia, e se tivesse a mão uma noz té-la-ia espatifado, num átimo, com o atizador de lareira.

Felipe, com muita felicidade, conduziu Tom ao auge das narrações, enchendo de movimento, de estrondo e fúria cada luta, com



Almôço ajantarado - para 6 pessoas

por DALILA

Aperitivo, cozido completo, carne assada e arroz simples, molho, água fresca, doce de laranja em calda, cafésinho.

APERITIVO: — um cálice de parati com algumas gotas de limão.

COSIDO — 1 quilo de carne de peito, um osso com tutano, 250 gramas de carne de porco salgada, 150 gramas de carne seca, 150 gramas de linguiça e 150 gramas de toucinho fresco.

MODO DE PREPARAR — Faz-se um refogado de cebola, alho, tomate e cheiro com meia colher de banha. Junta-se a carne, toucinho, o osso, a carne de porco salgada, a carne seca e a linguiça, tendo o cuidado de escaldar (ferver) antes a carne seca e a de porco para tirar o sal. Junta-se meio litro de água e põe-se a cozinhar. Quando estiver bem cozido, junta-se as verduras: meio quilo de abóbora, 250 gramas de quiabo, 250 gramas de maxixe, 4 batatas doce, meio repolho pequeno, um molho de couve e 6 bananas d'água. A couve e as bananas devem ser cozidas separadas das outras verduras. Põe-se as carnes numa travessa. Arrumam-se as verduras separadamente formando uma jardineira. Ao saldo que ficou na panela junta-se mais água quente. Quando estiver fervendo faz-se um pirão escaldado com farinha de mandioca, da seguinte forma: 3 xicaras de farinha de mandioca na sopeira em que vai ser servido o pirão. Põe-se o caldo da carne fervendo, mexendo sempre para não embolar. Não levar ao fogo para cozinhar porque muda completamente o paladar característico do pirão, se bem que muita gente só gosta de pirão cozido. É preciso lembrar que não se deixa a carne em pouca água quando estiver cozinhando.

Serve-se à mesa o pirão numa sopeira, as verduras e as carnes numa travessa grande. Num molheiro coloca-se o seguinte molho:

12 pimentas malagueta, uma rodela de cebola, 2 de limão. Machuque as pimentas, junte meia xicara de caldo de carne e uma colher de vinagre. Sirva com o cozido.

CARNE ASSADA: — Ingredientes: 2 quilos de lardo.

MODO DE PREPARAR: — Fure a carne e ponha pedaços de toucinho fresco. Faça um molho com alho, sal, pimenta malagueta. Deixe de infusão durante meia hora. Ponha um pouco de banha na panela, leve ao fogo. Quando estiver bem quente junte a carne e abafe. Deixe cozinhar com o suor que vai se formando e ponha água caso o suor da panela não for suficiente para que esta fique bem cozida. Sirva numa travessa com folhas de alface, ponha a carne com rodela de tomate para enfeitar ou galhinhos de salça. Acompanhe com arroz simples (água e sal).

SOBREMESA: — Ingredientes: 12 laranjas para um quilo e meio de açúcar.

MODO DE PREPARAR: Com uma faca afiada ou um ralador, tire a parte verde que cobre a laranja. Abra em 4 pedaços como uma flor (se desfazer do recheio). Ponha a ferver por alguns minutos. Mude a água durante 5 dias para perder a acidez. Junte a laranja, o açúcar e alguns cravos doce. A água que continha na laranja é suficiente para cozinhá-la até formar uma calda grossa. Fogo brando.



Gregory Peck o grande artista que acabamos de ver em "A luz é para todos", filme de combate ao anti-semitismo.

DAS MEMÓRIAS DE EMÍLIA

— Tenha paciência, Emília, disse o visconde. Ficou muito acima do nível, porque a verdade é que você ainda hoje fala mais do que qualquer mulherzinha.

— Mas não falo pelos cotovelos, como elas. Só pela boca. É falo bem. Sei dizer coisas engraçadas e até filosóficas. Inda há pouco dona Benta declarou que eu tenho coisas de verdadeiro filósofo. Sabe o que é filósofo, visconde?

O visconde sabia, mas fingiu não saber. A boneca explicou:

— É um bicho sujinho, caspento, que diz coisas elevadas que os outros julgam que entendem e ficam de olho parado, pensando. Cada vez que digo uma coisa filosófica, o olho de dona Benta fica parado e, ela pensa, pensa...

Ficam pensando o que, Emília?

— Pensando que entenderam.

— O visconde enrugou a testa e ficou de olho parado, pensando, pensando. Aquela explicação era positivamente filosófica.

— E como sou filósofo, continuou Emília, quero que minhas Memórias comecem com a minha filosofia da vida.

— Cuidado, marquesa! Mil sábios já tentaram explicar a vida e se estrepavam.

— Pois eu não me estreparei. A vida, senhor visconde, é um pisca-pisca. A gente nasce, isto é, começa a piscar. Quem para de piscar, chegou ao fim, de morrer. Piscar é abrir e fechar os olhos — e viver é isso. E um dorme-e-acorda, dorme-e-acorda, dorme-e-acorda, até que dorme e não acorda mais. É o dia e a noite. É portanto um pisca-pisca.

O visconde ficou novamente pensativo, de olhos no teto.

Emília riu-se.

— Está vendo como é filosófica a minha idéia? O senhor visconde já está de olhos parados, erguidos para ao fóro. Quer dizer que pensa que entendeu... A vida das gentes neste mundo, senhor sabugo, é isso. Um rosário de piscadas. Cada piscado é um dia. Pisca e mama; pisca e anda; pisca e brinca; pisca e estuda; pisca e ama; pisca e cria

filhos; pisca e geme os reumatismos; por fim pisca pela última vez e morre.

— E depois que morre? perguntou o visconde.

— Depois que morre vira hipótese. É ou não é?

O visconde teve de concordar que era.

Assim vivem as mulheres no Morro do Jacarésinho

ANA

Os morros, sempre, viveram nos sembras, por esse país afora. Da mistura do tamborim, violão, "bamba" e porta-bandeira, resultou a cortina malandrina e aventureira, que tem cobrido a face da miséria de mulheres e crianças, vegetando em casebres esburacados, onde entram o sol e a chuva, porém, raramente, coníca, e quase nunca uma roupa.

Aquela é maior favela do Rio de Janeiro. A Favela do Jacarésinho. Quarenta mil habitantes. Os barracos parecem pequenas ilhas perdidas entre esotos imundos. Só os olhos convencem da realidade. Da realidade de uma infância de pés mergulhados em valas transbordando de lama e exalando um mau cheiro que entontece. Mas, elas lá estão, os pequeninos! Muitos descem do morro e sem nenhuma refeição, caminham até o Rocha, para aprender a ler. A escola mantida pela Assistência Social, que ali funciona, tem matrícula restrita. E mal as crianças aprendem a desenhar o nome são afastadas, para que outras, em número reduzidíssimo, vão, também, garatujar a assinatura. Para os bairros distantes, descem outras crianças semi-mortas, nos braços das mães, em busca de medicação.

Existe um Posto Médico. Mas, subam ao Morro do Jacarésinho e perguntem, a qualquer mulher, notícias do Posto Médico. Todas responderão que atende pouco e mal. Dá algumas receitas, depois de uma espera cansativa. E os remédios? Uma das mulheres me contou, quase chorando, que esperou, desde a madrugada até de tarde, e não conseguiu nada. Outra teve o filho ajudado pelas vizinhas, em cima de uma esteira, sem o menor socorro médico.

O problema da água é igualzinho ao de todas as outras favelas. Quatro bleas. Filas enor-

DIA DA MULHER CARIOCA E A CAMPANHA DA CRECHE

Como é do conhecimento público, por deliberação unânime da Câmara Municipal, no dia 21 de Julho foi considerado o dia da mulher carioca, data conquistada pela sua firmeza e decisão de luta organizada contra os problemas da vida cara.

Todos estão bem lembrados do formidável trabalho feminino desenvolvido o ano passado, em defesa dos lares, contra a carestia. A grande passeata feminina, que culminou com concentração de protesto nas Câmaras, em virtude das arbitrariedades da Polícia, demonstraram a disposição das mulheres cariocas na grande campanha contra os preços altos.

Este ano, 21 de Julho não podia passar em silêncio. Por essa razão as mulheres se reuniram no Instituto dos Arquitetos, para festejar a data, num ato público, presidido por dona Alice Tibirica, presidente do Instituto Feminino de Serviço Construtivo.

Nesse ato o Instituto abriu a grande Campanha da Creche, como uma necessidade premente a ser atendida. O lançamento da campanha foi aceito com grande entusiasmo pela assembleia, dispostos o Instituto a elaborar um grande plano de realizações imediatas, abrangendo os Ministérios, as empresas que tenham o número legal de operários e não possuem creche, bem como estudar a possibilidade de creches nos bairros.

Dessa maneira, o 21 de julho foi comemorado como bem merecia, levando as mulheres do Distrito Federal um novo e necessário apoio em favor de todas para o amparo às crianças.

Roupas do Norte

Blusas, camisolas, roupinhas de criança, toa-lhas e colchas de crivo, finíssimos e baratos à venda à

RUA HERMENGARDA, 354 (MÉIER)

FACILITA-SE O PAGAMENTO EM PARCELAS MÓDICAS

ADVOGADA

ARCELINA MOCHEL

Inscrita na Ordem dos Advogados do Brasil sob o n.º 5.423

Escritório:

RUA WASHINGTON LUIZ, 32, 2.º — Tel. 23-4295

DAS MEMÓRIAS DE EMÍLIA

EMÍLIA RESOLVE ESCREVER SUAS MEMÓRIAS — AS DIFICULDADES DO COMEÇO

MONTEIRO LOBATO

Ilustrações de BELMONTE

Tanto Emília falava em "Minhas Memórias" que uma vez dona Benta lhe perguntou:

— Mas, animal de contas, bobinha, que é que você entende por memórias?

— Memórias são a história da vida da gente, com tudo que acontece desde o dia do nascimento até o dia da morte.

— Nesse caso, escreveu dona Benta, uma pessoa só pode escrever suas memórias depois que morre...

— Espere, disse Emília. O escrevedor de memórias vai escrevendo, até sentir que o dia da morte vem vindo. Então para; deixa o finalzinho sem acabar. Morre sossegado.

— E as suas memórias vão ser assim?

— Não, porque não pretendo morrer. Finjo que morro, só. As últimas palavras tem que ser estas: "E então morri..." com reticências. Mas é pena. Escrevo isso, pisco o olho e sumo atrás do armário para que Narizinho fique mesmo pensando que morri. Será a única mentira das minhas Memórias. Tudo mais verdade pura, da dura — ali na batata, como diz Pedrinho.

Dona Benta sorriu.

— Verdade pura! Nada mais difícil do que a verdade, Emília.

— Bem sei, disse a boneca. Bem sei que tudo na vida não passa de mentiras, e sei também que é nas memórias que os homens mentem mais. Quem escreve memórias arruma as coisas de jeito que o leitor fique fazendo uma alta ideia do escrevedor. Mas para isso ele não pode dizer a verdade, porque senão o leitor fica vendo que era um homem igual aos outros. Logo, tem de mentir com muita manha, para dar ideia de que está falando a verdade pura.

Dona Benta espantou-se de que uma simples bonequinha de pano andasse com ideias tão filosóficas.

— Acho graça nisso de você falar em verdade e mentira como se realmente soubesse o que é uma coisa e outra. Até Jesus Cristo não teve ânimo de dizer o que era a verdade. Quando Pôncio Pilatos lhe perguntou:

"Que é a verdade?" ele, que era Cristo, achou melhor calar-se. Não deu resposta.

— Pois eu sei! gritou Emília. Verdade é uma espécie de mentira bem pregada, das que ninguém desconfia. Só isso.

Dona Benta calou-se, a relembrar naquela definição, e Emília, no maior assanhamento, correu em busca do visconde de Sabugosa. Como não gostasse de escrever com a sua mãozinha, queria escrever com a mão do visconde.

— Visconde, disse ela, venha ser meu secretário. Veja papel, pena e tinta. Vou começar a escrever minhas Memórias.

O sabuginho científico sorriu.

— Memórias! Pois então uma criatura que viveu tão pouco já tem coisas para contar num livro de memórias? Isso é para gente velha, já perto do fim da vida.

— Faça o que eu mando e não discuta. Veja papel, pena e tinta.

O visconde trouxe papel, pena e tinta. Sentou-se. Emília preparou-se para ditar. Tossiu. Cuspiti e engasgou. Não sabia como começar — e para ganhar tempo veio com exigências.

— Esse papel não serve, senhor visconde. Quero papel cor do céu com todas as suas estrelinhas. Também a tinta não serve. Quero tinta cor do mar com todos os seus peixinhos. E quero pena de pato, com todos os seus patinhos.

O visconde ergueu os olhos para o teto, resignado. Depois falou; fez-lhe ver que tais exigências eram absurdas; que ali no sótão de dona Benta não havia patos, nem o tal papel, nem a tal tinta.

— Então não escrevo! disse Emília.

— Sua alma sua palma, murmurou o visconde. Se não escrever, melhor para mim. É boa!...

Emília, afinal, concordou em escrever as memórias naquele papel da casa, com pena comum e tinta de dona Benta. Mas jurou que havia de imprimi-las em papel cor do céu, tinta cor do mar e pena de pato.

O visconde disparou uma gargalhada.

— Imprimir com pena de pato! É boa!... Imprime-se com tipos, não com penas.

— Pois seja, tornou Emília. Imprimirei com tipos de pato.

O visconde ergueu novamente os olhos para o fórrô, suspirando.

Estavam os dois fechados no quarto dos badulaques. Servia de mesa um caixãozinho, e de cadeira um tijolo. Emília passava de um lado para outro, de mãos às costas, lá ditar.

— Vamos! disse ela depois de ver tudo pronto. Escreva bem no alto do papel: Memórias da Marqueza de Rabicó. Em letras bem graúdas. O visconde escreveu:

MEMÓRIAS DA MARQUEZA DE RABICÓ

— Agora escreva: Capítulo Primeiro.

O visconde escreveu e ficou à espera do resto.

Emília, de testinha franzida, não sabia como começar.

Isso de começar não é fácil. Muito mais simples é acabar. Pinga-se um ponto final e pronto; ou então escreve-se um latizinho: FINIS. Mas começar é terrível. Emília pensou, pensou, e por fim disse:

— Bote "um" ponto de interrogação; ou, antes, bote vários pontos de interrogação. Bote seis...

O visconde abriu a boca.

— Vamos, visconde. Bote aí seis pontos de interrogação, insistiu a boneca. Não vê que estou indecisa, interrogando-me a mim mesma?

E foi assim que as "Memórias da Marqueza de Rabicó" principiaram dum modo absolutamente imprevisto.

CAPÍTULO PRIMEIRO

Emília contou os pontos e achou sete.

— Corte um, ordenou.

O visconde deu um suspiro e riscou o último ponto, deixando só os seis encomendados.

— Bem, disse Emília. Agora ponha um... um... um...

O visconde escreveu três uns, assim: 1, 1, 1.

Emília danou.

— Pedacinho d'asno! Não



mandei escrever nada. Eu ainda estava pensando. Eu ia dizer que escrevesse um ponto final depois dos seis de interrogação.

O visconde começou a assoprar e abanar-se. Por fim disse:

— Sabe o que mais, Emília? O melhor é você ficar sozinha aqui até resolver definitivamente o que quer que eu escreva. Quando tiver tudo assentado, então me chame. Do contrário a coisa não vai.

— E que o começo é difícil, visconde. Há tantos caminhos que não sei qual escolher. Posso começar de mil modos. Sua ideia qual é?

— Minha ideia, disse o visconde, é que comece como quase todos os livros de memórias começam — contando quem esta escrevendo, quando esse quem nasceu, em que cidade, etc. As *Aventuras de Robinson Crusô*, por exemplo, começam assim: "Nasci no ano de 1632, na cidade de York, filho de gente arranjada, etc."

— Ótimo! exclamou Emília. Serve. Escreva: Nasci no ano de ... (três estrelinhas), na cidade de ... (três estrelinhas), filha de gente desarranjada...

— Por que tanta estrelinha? Será que quer ocultar a idade?

— Não. Isso é apenas para atrapalhar os futuros historiadores, gente muito mexeriqueira. Continue escrevendo: E nasci duma saia velha de tia Nastácia. E nasci vazia. Só depois é que ela me encheu de pétalas duma flor cor de ouro que dá nos campos e serve para estufar travesseiros.

— Diga logo macela, que todos entendem.

— Bem. Nasci, fui enchida de macela que todos entendem e fiquei no mundo feito uma boba, de olhos parados, como qualquer boneca. E feia. Dizem que fui feia que nem uma bruxa. Meus olhos tia Nastácia os fez de linha preta. Meus pés eram abertos para fora, como pés de caixeirinho de venda. Sabe, visconde, por que eles têm os pés abertos para fora?

— Ha de ser da raça, respondeu o visconde.

— Raça, nada. É o hábito de ficarem desde muito crianças grudados ao balcão vendendo coisas. Têm que abrir os pés para melhor se encostarem no balcão, e acabam ficando com os pés abertos para fora. Eu era assim. Depois fui melhorando. Hoje piso para dentro. Também fui melhorando no resto. Tia Nastácia foi me consertando, e Narizinho também. Mas nasci muda como os peixes. Um dia aprendi a falar.

— Sei como foi a história, disse o visconde. Você engoliu uma falinha de papagaio.

— Esta errado! Narizinho teve dó do papagaio e não deixou que o matassem para tirar a falinha. Fiquei falante com uma pilula que o célebre doutor Caramujo me deu. Narizinho conta que a pilula era muito forte, de modo que fiquei falante demais. Assim que abri a boca, veio uma torrente de palavras que não tinha fim. Todos tiveram de tapar os ouvidos. E tanto falei que esgotei o reservatório. A fala então ficou no nível.

(Conclui na 15.ª pag.)

